

ERA NOVA

ANNO I

NUM. 13



Miss COETTE BRAYNER

Preço \$600

A redacção não se responsabiliza por idéas e conceitos expostos nos artigos de seus colaboradores.



ANUNCIOS previamente justos com o director-commercial da Revista

COLLABORADORES:

Dr. Carlos Z. Fernandes

Dr. Americo Faria

Dr. Florio Maroja

Dr. Ribeiro de Carvalho

Dr. Octavio Soares

Celso Mariz

Dr. Manoel Tavares

Dr. José A. de Almeida

Dr. Aldeias Bezerra

Cong. Dr. Pedro Anacleto

Prof. Coriolano de Medeiros

Dr. Raul Machado

SUMMARIO

- I—O Cálculo da Justiça Internacional—Al
- II—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- III—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- IV—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- V—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- VI—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- VII—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- VIII—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- IX—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- X—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- XI—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- XII—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- XIII—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- XIV—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- XV—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- XVI—Ouro e a Economia—Adhemar Figue
- XVII—Ouro e a Economia—Adhemar Figue

Professor Abel de Silva

Prof. Juvenal Coelho

Dr. João de Matta

Dr. Sá e Benevides

Dr. Adhemar Vidal

Padre Mathias Froin

Vicente Falcão

Boscha Barreto

Dr. Jonas Rodrigues

Dr. Elydio de Almeida

Dr. Eugenio Galvão

Dr. Luiz Rodrigues

Dr. Leonardo de Sá

ASSIGNATURAS

Capital {	Brasil	140000	Interior {	Anno	120000
	Estrangeiro	70000		Semestre	100000
	Quantos annos	5000		Não ha venda avulsa	

Numero assignado 10000 • PRAÇA VENANCIO NEIVA, 30. • Pagamento adiantado



Quereis juntar o conforto á elegancia?



Dar bôa apparencia e commodidade á vossa casa?



Comprae moveis na

CASA NAVARRO

que capricha na
perfeição e elegancia dos tra-
balhos que executa.



RUA MACIEL PINHEIRO N.º 123



NAVARRO & C. — Parahyba



A arte photographica tornou-se facilissima desde que appareceu as machinas KODAK. Qualquer pessoa pode obter resultados photographicos

RUA MACIEL PINHEIRO, 25. — CAIXA POSTAL, 19.

“A ELITE”

LINS & MONTEIRO

CASA DE MODAS

Rua Maciel Pinheiro — 211

PARAHYBA

CASA VESUVIO

RUA MACIEL PINHEIRO N.º 163

Caprichoso sortimento de tecidos, modas e armarinho.

VICENTE RAITACASO & COMP.

Perfumarías finas, objectos para presentes e artigos para honens

PYRAGIBE LEMOS & C.^A

COMMISSÕES, CONSIGNAÇÕES, REPRESENTAÇÕES E CONTA PROPRIA — AGENTES DE:

G. Amsinck & Comp., Inc.	— — — —	New-York
Klingelhoefer & Comp.,	— — — —	Paris
Kittel & Comp.	— — — —	Londres
M. S. Idanha & Comp. — Lda.	— — — —	Lisboa
Charles Duval & Comp.	— — — —	Londres
Nestlé & Anglo-Swiss Condensed Milk Co.	— — — —	Londres, New-York
Leite Condensado “Moça e Ararente”	— — — —	Cham, Araras e Rio de Janeiro
Colgate & Comp.	— — — —	New York
Montbel-Bossart & Fils	— — — —	Bruxellas
Association Commercial e Indo-Belge	— — — —	Genova Anvers e Cologne
J. D. Rieth	— — — —	Berlim
Heine & Comp. A. G.	— — — —	Leipzig
Manoel Pedro & Comp.	— — — —	Paris
Martins, Jorge & Comp.	— — — —	Paris

CODIGO 41
 A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z
 BORGES, RIBEIRO & PARTICULARES
 BENTLEY

S. Silva & Comp. Fabrica de Tecidos Codó	Codó Maranhão
Abelardo Ribeiro	— — — — Maranhão
Fabrica de velludo e seda Suisse Brasileira	R. de Janeiro
Siqueira & Comp.	R. de Janeiro
Davidson, Pellen & Comp.	R. de Janeiro
Sellingmaier & Meyer	R. de Janeiro
Familia Indigena	R. de Janeiro
Varejão Indigena, Lemos & Notini	R. de Janeiro
Genova & Capon	R. de Janeiro
Companhia Brasileira de Viagem e Comercio	R. de Janeiro
Casa Hansa — Henrique Druggemann	R. de Janeiro
Armas, Gora & Comp.	Pernambuco
Companhia Antarctica Paulista	S. Paulo
Hauschild, Irwin & Comp.	Florianopolis
Mason & Irwin	Pelotas
Vitor J. Guerra & Comp.	Rio Grande

UNICOS RECEBEDORES NESTE ESTADO DO AFAMADO DENTIFRICO “ODOL”

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: “GILBERTO”

CAIXA POSTAL — 8

COLOMBO

Fabrica de camisa, ceroulas, collarinhos e pyjames — Artigos para homens.

MARINHO & MOURA

DEPOSITO — CASA COLOMBO

RUA: MACIEL PINHEIRO, 205.

FABRICA

BARÃO DO TRIUMPHO, 450.

End. telegrap. "COLOMBO" — Parahyba

G. PETRUCCI & C.^AArtigos electricos
Automoveis e
seus pertences

Rua Maciel Pinheiro n. 198

CAIXA POSTAL 71

PARAHYBA**A ROSA DOS ALPES****SAPATARIA FORTE**

Completo sortimento de CALÇADOS para homens, senhoras e creanças; FAZENDAS finas, variadas em padronagem e preços; MIUDEZAS e CHAPEÓS, o que ha de mais chic.

JUVENAL DA COSTA ANDRADE

BANANEIRAS — Parahyba do Norte

VAGO**PARQUE HOTEL****DE LUIZ PERGENTINO & NEVES**

Rua Barão da Passagem n. 63.

Completo sortimento de bebidas nacionaes e estrangeiras

Refeições a qualquer hora do dia ou da noite

Accommodações à vontade do mais exigente freguez

Vendas a dinheiro || Telephone n. 143 — Parahyba

MOVEIS "CASA NAVARRO"

PARAHYBA DO NORTE

Rua MACIEL PINHEIRO, 123.

GRANDE EMPORIOde chapéos, de todas as qualidades,
para homens e creanças.**CASA PENNA**O melhor sortimento em gravatas,
collarinhos, meias, camisas
e perfumes.Depositarios dos melhores
fabricantes de calçados

Rua Maciel Pinheiro 88 — Parahyba.

GONSALVES PENNA & C.^A

Livraria, Typographia, Encadernação e Pautação a vapor.

ARTIGOS PARA PRESENTE
E DESENHO

Objectos para escriptorio

RUA MACIEL PINHEIRO—193

PARAHYBA DO NORTE

OCULOS e PENCINEZem qualquer grau, vendem-se na ORI-
VESARIA PINHEIRO.

292 — Rua da Republica — 292

PARAHYBA DO NORTE

A Côte de Justiça Internacional

De intervenção do Brasil no Grande Conselho não nos admiram os seguintes motivos: julgamos sempre dos melhores e melhores que nos cuido esta atitude, apesar da diligencia com que não são planejadas as nossas intervenções, nos conselhos dos que decidem a sorte dos delinquentes.

É verdade que o nosso concurso representa antes um movimento idealista de solidariedade com a causa da civilização, do que o impulso de sentimentos subalternos de vanglória ou de ambição.

Mas, se não alcançamos ainda o ponto vital das inocentizações e os nossos horizontes não se dilataram ao augúrio triunfal de grandes prosperidades, temos, em cambio, ganhado no concerto internacional uma situação de crescente prestigio.

Essas conquistas moraes tocam particularmente o orgulho de nossa nacionalidade e fortalecem a nossa hegemonia politica na America do Sul.

A eleição de Ruy Barbosa para a Côte Permanente de Justiça Internacional é mais uma gloriosa afirmação de nossa actual influencia nos destinos do mundo.

Este acontecimento repercutiu em todo o país com uma vibração desusada, tamanha é a honra que nos foi attribuida pelos conductores de um novo pensamento de paz universal.

Ainda bem que correspondemos a essa confiança em nossa cultura geral com um nome que, pela extensão do seu valor, excede as nossas aptidões e se incorpora ao patrimonio espirital da humanidade.

Todos nós folgamos de ver o pontífice de nossa intellectualidade deslocado de uma habitual esphera de acção, em que os seus modestos recursos se aponcavam, ás vezes, na arbiagem das contendas estereis, para as culmenças de uma magistratura de jurisdicção mundial. Se o Brasil tem sido surdo á sabe-

da dos seus perigos e se suas facilidades de estudos não são negligenciadas pelos postos governamentais, sabemos, ao menos, aproveitá-lo para "nos estudos", certos de que a sua actividade nessas relações de intelligencia será, nos conselhos do saber, a mais luminosa propagação dos nossos creditos.

Organização de jurado, por excellencia, com um nome internacional de cargo, enviado para assistir da justiça. Ruy Barbosa será, longe dos estudos de nossa vida interna, no exterior, nossa representação: sempre, uma declaração e uma expressão de paz que será o maior momento de um dialogo publico.

O seu voto de credito será uma segurança dessa aprovação de paz que emborá a clima contemporaneo.

A dissolução da guerra, pelo estabelecimento de um tribunal permanente, que assegurasse o respeito e a observação das regras do direito internacional, foi um sonho de muitos philosophos e publicistas. Um, como Bentham, pretendiam attribuir a esse jurisdicção um simples valor moral, outros, porém, encareciam a organização de um poder autoritario, encarregado de applicar as melhores doutrinas. Ficare não acreditava na efficacia dessa jurisdicção, a menos que a humanidade estivesse organizada sob a forma de uma confederação de Estados, com unidade de confederação.

Martens desistiu a idéa, pela impossibilidade da criação de um exercito internacional, incapaz de apoiar a execução das sentenças do tribunal. O conde Kamevitzky, professor em Moscú, o mais entusiasta propagador dessa justiça das nações, tambem deixava sem abrigo o seu ponto mais delicado: a execução das sentenças.

Mas o Pacto da Sociedade das Nações inscreveu no seu art. 14 esse principio pacifista: «O conselho será encarregado de preparar um projecto de Tribunal permanente de justiça

internacional e de submettel-o aos membros da Sociedade. Esse Tribunal tomará conhecimento de todos os litigios de caracter internacional que as Partes lhe submettam, Dará também pareceres consultivos sobre toda pendencia ou todo ponto que lhe submetta o Conselho ou Assembléa.

A Assembléa da Liga, em que o Brasil se fez representar pelos srs. Rodrigo Octavio, Raul Fernandes e Gastão da Cunha, reunida em Genebra, approvou, em uma resolução de 13 de dezembro de 1920, o projecto de Estatuto da Côte Permanente de Justiça, cuja adopção foi submettida aos seus membros, sob a forma de protocolo.

A jurisdicção foi accelta por uns sem reserva e por outros com a condição de reciprocidade.

Com a entrada de um patricio nosso para esse proprio das nações, é natural que haja de nossa parte curiosidade em conhecer os moldes de sua organização.

É um corpo de magistrados independentes, eleitos pelo Conselho e pela Assembléa da Liga entre pessoas que gozem da mais alta consideração moral e reúnem as condições exigidas em seus respectivos países para o exercicio das mais elevadas funções judicarias ou que sejam juriscônsultos de notoria competencia em direito internacional.

A Côte é composta de quinze membros: onze juizes titulares e quatro supplementes. São eleitos por nove annos e reelegiveis. Não podem elles exercer nenhuma função politica ou administrativa, salvo os supplementes, fóra do exercicio. Gozam os ministros de privilegios e immuniidades diplomaticas.

O presidente e o vice presidente são eleitos por três annos.

A séde da Côte é fixa em Haya, onde o seu presidente é obrigado a residir. O juiz que não residir na séde terá ajuda de custo para a viagem de ida e volta.

O exercicio das funções será determinado por um regimento interno. Será adoptado de preferencia o processo summario, com instrucção escripta e discussão oral.

Haverá uma sessão em cada anno, começando a 15 de junho e prolongando-se até a conclusão dos trabalhos. Poderão ser convocadas sessões extraordinarias.

A Côrte dividir-se-á em camaras especiaes com a discriminação das materias do respectivo julgamento.

A sua competencia abrange todas as hypotheses submettidas pelas partes, bem como os casos especiaes previstos pelos tratados e convenções em vigor. Não dependem de seu funcionamento a Côrte de Arbitragem, organizada pelas Convenções de Haya, de 1899 e

As decisões da Côrte serão obrigatorias para as partes litigantes e não admitirão recurso.

As despesas com os processos serão custeadas pelas partes e com a Côrte pela Sociedade das Nações.

O presidente perceberá annualmente 15.000 florins holandeses e mais uma representação de 45.000 florins.

Cada juiz titular terá o ordenado annual de 15.000 florins e mais 200x100 por dia de trabalho, até o maximo de 20.000 florins.

Desvanece-nos sobremodo vêr o Brasil contribuir com um elemento dessa sãbia organização para a conquista da paz universal.

José Americo de Almeida

OUTRO MUNDO...

Gritos repetidos gritos perturbaram a serenidade contemplativa do contemplativo Luiz.

—Psiu, psiu, oh seu Luiz, seu Luiz?

Olhou e olhou sem vontade. Quasi indignado, viu, bracejando ferrivelmente, uma creatura que exigia sua presença alli, bem alli, em meio da rua larga. O chamado continuava, alarmando. O geito foi interromper seu extase budhico, e seguir té lá.

—Que é Raul?

—Pegue aqui, seu Luiz, e veja vosmicé como a monarcha está serena, sereninha que faz gosto.

De facto, a coruja estava serena. Empinava-se no espaço á distancia dum kilometro a mais. O Luiz procurou dar de si. Puxou, puxou, soltou o fio, provocando uma descahida suave, macia como o andar de um gato. Em pouco aborreceu-se de vêr aquillo, de sentir aquillo, aquillo sem nenhuma variação, sem imprevisto nenhum. E, num volverête, manobrando geitoso, sahiu, deixando a alacridade dum turba que se empenhava, seriamente, em esticar, em prolongar a novidade.

Sahiu, e mais alguns passos, chegou á calçada, onde se balouçavam, alegre e sympathica, a sympathia e a alegria da encantadora senhorita Benedicta Lubê.

—A coruja está muito alta, seu Luiz?

—Assim, meião, aboa Benedicta. A cauda está pesada. Se não fosse isso subiria muito mais. No meu tempo, pezar das rocégas...

—Qual nada! Em Areias, sim, que se empina coruja. Outra coisa!—E deu um muchôcho, abafado.—Uma vez meu noivo zangou-se porque fui olhar um bando dellas dominando lá nas nuvens. Não gastou, o malvado. Porisso, por essa asneira de nada acabou com o casamento.

—Que? Brincadeira, dena Benedi...cta.

—Não é não, seu Luiz. O senhor sabe lá que é sujeito máo.

—Então, acabou, hein?—Coçando a barbicha—Os homens são assim mesmo. Nunca têm razão... Gostam tanto de judiar.

—Ora, também quer saber? não senti nada, nem um tiquinho.—Arrebitou o nariz aquilino, caído de pó-de-arroz.

—Dona Lubên, não diga isso.

—Digo, digo, digo.—Bateu com o pé na calçada, furiosa, com vontade de chorar.

Nisto, o Luiz voltou-se. Alguém annunciava, cortando o curso da palestra:

—Já sabe que vou inaugurar amanhã uma banca de bicho?

—Sem socio?

—Não, homem de Deus. O Zé de Oliveira prometteu ajudar, garantindo as paradas altas.

—Bom negocio. O diabo é que esta Babylonia não pôde deixar muita coisa. Arrebenta-se logo. Povo pobre, sem vintem, além disto arisco, desconfiado.

—Deixa! Você vae vêr o successo. Os planos estão acertados e o Fernando ficou encarregado de mandar o bicho pelo telegrapho, bem cêdinho. O esfóla será certo, certo como bocca de bóde.

Foi assumpto para o resto da tarde, para bom pedaço da noite, também.

E já o crepusculo se entornava docemente, escurecendo tudo, l'ecia do céu uma paz consoladora. A claridade vespertina diluia-se, pouco a pouco. Depois de guardar no estomago meia dúzia de limas amargas, o Abreu foi rente á procura do Jorge, a quem ainda não havia falado naquelle dia sem equal. Levára um sumiço damnado, o Jorge. Enfim, achou-o. Ao que diziam, fôra visitar o santo padre, regressando minutos antes. Num alegrão, lenido, satisfeito:

—Abreusinho!

—Jorge!

E cahiram nos braços um do outro. Segredaram rapidamente, de coração a coração. Fez-se logo uma rôda adoravel, respirando-se nella um morno perfume de confiança e amizade.

Por traz do arvorêdo, a lua como que se esforçava para subir. Fazia sua trajetoria num céu limpo de manchas, muito azul, muito profundo, bello e magnifico céu, porque, por mais vulgar que nos seja o céu, é sempre magnifico e bello, não nos causando nunca fastios, nem aborrecimentos, aborrecimentos desses que se experimentam por certas coisas invariaveis...

—Quanta gente neste outro mundo, quanta!

—E' verdade, meu caro amigo. Seria melhor que se fizesse menos barulho...

Nisto surgiu um aviso, aviso importuno: regressar á terra. Era ordem. E a hora aproximava-se rapida e celere como celere e rapido

GALERIA INFANTIL



Sebastião, filho do coronel Manoel Honorato da Silva, commerciante em Alagôa Nova.

1907, nem os Tribunaes de arbitros aos quars os Estados têm o facultade de confiar a solução dos seus litigios.

A Côrte applicará: as convenções internacionaes, quer geraes, quer especiaes, que estabelecem regras expressamente reconhecidas pelos Estados em litigio; o costume internacional, quando tiver o caracter de uma pratica geral; os principios geraes de direito acceitos pelas nações civilizadas e, com reserva do art. 59 dos estatutos, as decisões judiciarias e a doutrina dos publicistas mais qualificados, como meio auxiliar de determinação de regras de direito. Tem também a facultade, se as partes accordarem, de julgar *ex aequo et bono*.

As linguas officiaes dos seus trabalhos são a franceza e a inglesa.

é o instante que medeia um arrebatado encanto dum indesejável acontecimento.

—Então, vamos ou não vamos, dona Gidete? Que que nessa demora chegamos de madrugada. Se é pelo carro, está esperando cima da minha.

—Espere mais um pouco, Joseph. — Impetuosamente vazes carinhosas.

—Espere . . .
A mulher, porém, insistia. Falou, resmungou, impetua e feia como uma criança. A algumas palavras subiram dois ou três exclamações de injúria a imperiosidade. Se possível fora, matava-a ali.

Mas, orden de commando é ordem. Cedeu. A conversa mudou-se para o voluptuoso sofá de um salão de luxo, confortável e silencioso, aquelle.

Um sorriso, o lábio-lim, o coração de lila, a cabeça e o cabelo, a mão e o andar dum príncipe recém-casado. Contaram-se as coisas e os fatos aquelles serenos dum para d'outra. Enfiavam, palata por palata, na legião de seus sonhos:

—Quem parte

—Quem fica

—Vae longe, já não longe. Estou ainda no mundo. Só não conheço aquelle seu parente. Responde o Zé de Oliveira:

—Então, você não sabe? E' de Lábile

—Incrível!

—Vamos dormir que é melhor.

Outra voz:

—Cêdo!

Outra:

—Nove e meia.

Mais outra:

—Nove e trinta e cinco.

Outra ainda:

—Dez horas.

—E' demais, esses relógios perderam a cabeça, estão doidos.

Entretimentos, sôa um apito soturno e melancólico:

—Vae já embora! E' a luz do Geraldo.

Espalham-se adeuses. Desta vez sahiu outra especie de caravana, outra muito diferente, caravana que teimava em sonhar, contorcendo-se de prazer ineffavel com a carícia dum beijo, imenso e expressivo, harmonioso e envolvente, que descia volatilizado no branco poejo do luar . . .

ADHEMAR VIDAL

O sol e a chuva são dois elementos extraordinários para a vida. E o nosso sol é tão bello...

PARA LIMPAR AS PORTAS—Muitas vezes as portas são sujas e negras, principalmente nas proximidades dos trincos, e torna-se difficil effectuar uma limpeza conveniente.

Nestes casos, basta pôr duas colheres de sôpa de borax em pó em um balde de agua e lavar com esta agua as portas.

FARPAS & FISGAS

Não ha como se andar no seguro, que não se tratando de villasas empresas, ou grandes casas commerciaes, ali é o meio de morrer de velha!

Numa dessas minhas inspidas cavaqueiras, pelo sim, pelo não, affirmara eu a conezia da penha dos meus confrades, isto é, do bom, completo e affivel padre Mathias. Pois, o que ali estivo en'linha apenas como provavel conjectura, posso agora asseverar com a segurança de José Coelho, se enunciasse um postulado de trigonometria. O padre Mathias fizesse a loba, não de abnegado cura de alma, mas de digno conego da Sé.

GALLERIA INFANTIL



ARNALDO — Filhinho do sr. Pedro Teixeira de Mello, residente nesta capital.

E só me cumpre applausir a maravilhosa solicitude com que a nossa veneranda ecclesiastica soe premiar os esforços dos seus dignos filhos. Lembra-me, a propósito, um episodio que peço venha para relatar, com a minha habitual singelleza e aquella honesta brevidade que aos outros não cessa de recomendar a nosso impagavel Ceilo Netto . . .

Eramos estudantes dos estudos de orden do sagrado presbyterado, no vetusto seminario da cidade de Oitinda, eu e um excellentissimo rapaz de genio, em muitos pontos, semelhante ao meu . . . Fazendo obra por uma certa loquacidade que, quando me dava, saíam-me bons pedaços de orella, coneguei o meu actual collega a trabalhar por me metter em cabeça que eu tinha vocação para a oratoria sagrada.

E tanto batesa nesta teia, e a tais argumentos recorre, que por fim, me convenceu

deveras, e a tal ponto, que nos desvanecios de minha fluctuante imaginação juvenil já me suppunha um orador consagrado, doutrinando as turbas do pulpito das egrejas, em surtos de impressionante e arrebatadora eloquencia, qual no outro tempo, o famoso Vieira, e em nossos dias, d. Sebastião Leme, ou o inspirado conego Anisio!

Mas, um bello dia, no silencio de minha cella, a sós com os discretos botões de minha batina, quando todo me entregava ao fervor de mysticas cogitações sobre os destinos da grandiosa missão a que eu me julgava providencialmente chamado, subito me despertaram rebates de uma satânica saudade pelos olhos pretos de u'a morena cá da terra (eu sempre fui doido pelas morenas de olhos pretos!), e sem attender mais a nada, atirei a loba ás urtigas, mandei á fava minha bossa para a oratoria sacra, e parti para aqui, como um raio, ou antes, como uma flecha de Cupido, sonhando phantasticas delicias, ao lado da que eu esperava, mais tarde vir receber ao altar, como minha legitima esposa! Mas . . . tudo passa, no favorito e gracioso dizer de uma de minhas formosas leitoras. A pouco trecho fomos cahindo na prosaica realidade das coisas e acabamos desiludidos completamente um do outro, tão certo é que foi sempre de ephemera duração o amor de phantasia.

Achei-me então ás bordas de um abysmo talvez maior — o scepticismo — em que me teria fatalmente despenhado, se em tempo não me houvesse caridosamente amparado (quem tal diria?) o meu amigo dr. Alvaro de Carvalho . . . Para algum tanto espatarrecer esse meu novo estado de espirito, certa tarde sahi a passear, e acontecendo passar pelo Café Joca Aranha, que foi alli onde hoje é o Rio Branco, — lá quem havia eu de ver? . . . — O meu prezado ex-collega do Seminario de Oitinda, e de capa, sotaina e murça! — Gregorio! — Senão! (era como eu me habitara a chamar-o).

E alongamos num longo e fraternal amplexo um mundo de fundas e commovidas saudades! — Então? . . . Estás ahí, e és capaz de já estar collado a uma dessas freguezias que ás vezes sempre se encontram nesse mundo de Christo, amen . . . — Não, sou secretario do sr. Arcebispo, e fui ultimamente agraciado com o titulo de Monsenhor . . . O que de tardio arrependimento e serodias reflexões produziu tal nova em mim! Não ha duvida que no pé em que eu estava, se não tivesse cerrado ouvidos ás suggestões do meu amigo, para abri-os ás que o diabo bordava sobre os falsos europeis do amor, hoje, se não fosse orador sacro, seria monsenhor, ou pelo menos, conego . . . na certa. Seria! ora se eu não seria! . . .

Gregorio de Mattos

QUINZENA AGRICOLA

Tomado de forte displicencia resolvi, num desses ultimos domingos, sahir, pela manhã, á rua, procurando vêr se ao ar livre o meu aborrecimento espanejaria as suas asas. Sim, em mim o aborrecimento é uma ave muito cheia de caprichos que se accomoda em minha alma de asas encolhidas, bem murchas, como sob o dominio tyranico dum frio siberiano. E ás vezes basta um ligeiro passeio, ao sol, para que ella bata suas pennas, eslore-se e ensaie o vôo, deixando-me então a alma livre de sua impertinente presença. O motivo do passeio está, portanto, explicado. E que o meu ar não era de bom amigo, comprehende-se.

Acima disse que a ave era caprichosa.

E, e muito.

Nem todos os logares em que haja sol a satisfazem.

Ocasões ha que é sufficiente a sombra de uma arvore, por onde cõem a travéz a folhagem espessa uns raios mortiços, frios de sol, para que ella emigre.

Outras, em que, por mais impiedosamente chammejantes que sejam os dardos de Phebo, leíma não sahir e, contrariando os meus desejos, desafiando com uns olhinhos de ironia irritante todas as energias de minha vontade, reforça os meus desgostos, arrastando-me dum desanimo acabrunha-me a uma colera terrivel.

Dahi, portanto, aquella duvida impaciente em que talvez muita gente, espantada, me tenha visto nesse domingo de manhã ridente, muito clara, em que parecia estar espathada no ar uma alegria infinita.

Buscava na imaginação um logar no qual, porventura, podesse esparecer.

Como o homem é fraco diante de seus impulsos! Com que facilidade uma idéa, que bem se não gerou, que apenas botou fora do ovo sua cabecinha, se lhe assenhoreia, se apossa do pobre ente e o arrebatá á desgraça ou á gloria!

Muito subtilmente, como pisando em plumas, veu-me o pensamento de tomar um bonde. E quando del de mim, lá estava num de nossos bondes seniado, muito calmo, como se estivesse ao abrigo de qualquer perigo. E logo que o bonde partisse poderia cair na morte.

Felizmente não havia almoçado.

No banco da frente três senhorinhas de nossa elite social, numa garrulice interessante, conversavam animadamente.

Senti então um allivio bemfazejo.

O aborrecimento tinha batido assas.

Afiei o ouvido, e procurei apanhar a palestra confusa das conterraneas, porque todas as três falavam a um tempo, como sóe acontecer quando ha um grupo de mais de uma mulher. E com uma certa surpresa notei que não era de namoro que tratavam.

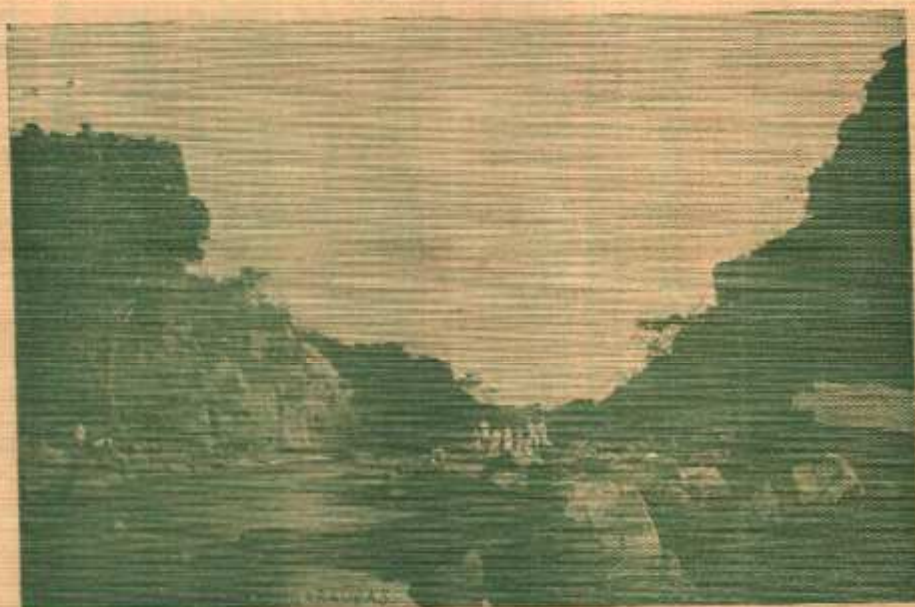
Discutiam a falta de gosto das moças da Parahyba pelas flores. Andava-se por toda cidade e não se encontrava um só jardim em que se lobrigasse o cunho do cariho feminil dispensado ás florinhas.

E comtudo que occupação delectavel para o bello sexo!

Logo de manhã, muito cedo, sahiriamos a praticar a pôda nas roseiras, tirando todos os galhos séccos e folhas amarellas, dando-lhes uma conformação esthetica e de tal arte faci-

E assim a face interna viva do fragmento, achando-se em contacto perfeito com o tecido também vivo da planta nutriente, receber-lhe-á a seiva e terá assegurado o seu desenvolvimento. E chama-se a isso enxerto de escudo ou borbulha, levantou a voz a mais velha, pareceu-me, das senhoritas que durante todo este momento, occupado pela preleção sobre enxertia, fallou só, as outras duas escutando com signaes visiveis de profunda attenção, o que muito me admirou pela raridade do caso.

E assim, continuou a voz no mesmo diapason, ao mesmo tempo que tinhamos no trato diario de nossos jardins uma recreação amena, entregavamo-nos a um exercicio muito



Boqueirão dos Campos - Caraibas

litando á floração a seiva que viesse a usurpar ramos ladrões.

Pesquisando-se sempre o terreno, a fim de que ás raizes não faltassem as condições indispensaveis á sua vitalidade, arrancando qualquer pedra ou obstaculo que lhe estivesse a tolher o desenvolvimento e de mezes em mezes ministrando-lhes alimentos por intermedio do estreme nenhum desar viria soffrer o nosso amor proprio. A melhor das distracções iamós ter na multiplicação das roseiras pela enxertia. Observando cuidadosamente, sahiriamos pelo nosso jardim á cata dum galho de roseira em que se nos antolhasse um renôvo ou botão, e munidas dum canivete bem afiado, tirariamos um fragmento da casca trazendo em sua face interna um pouco de tecido vivo. Feito isto, já devendo termos previamente escolhido uma boa e bonita roseira para praticar a enxertia, nella procederiamos a uma incisão em forma de T, de maneira a attingir o lenho; levantaríamos os dois bordos ou labios dessa incisão e ahí inseririamos o escudo que deverá ficar bem ajustado e mantido por um fio qualquer.

salutar, com os diversos movimentos a que nos obriga tal mister.

E levados um pouco pelo espirito pratico que actualmente anima o mundo inteiro poderíamos também ter uma compensação pecuniaria, tratando de expor á venda as flores em cujas petalas de encatador matiz mirariamos, vaidosas, nosso trabalho. Era unir a arte á industria; e não são ellas tão incompativeis que não possam, numa alliança perfeita, proporcionar-nos inebriantes prazeres.

Ah! acho que deviamos, minhas amigas, tratar de nos-os jardins, obtendo a par do desenvolvimento physico essa agradável satisfação moral que nos suscita a belleza existente ou na mais pomposa das mulheres ou na mais humilde das flores. E o bonde não havia partido. Destinava-se ás Trincheiras e aguardava o de Tambiá, cujo barulho de ferramentas desarticuladas nos não chegava ainda aos ouvidos.

Resolvi saltar e publicar as palavras da distincta conterranea, esperando que as suas considerações caem bem no animo das compa-nheiras.

LAURO MONTENEGRO

O Nacionalismo na arte e na linguagem

De ALCIDES BEZERRA

Dois correntes opostas discutiam a primeira no campo das nossas letras: o cosmopolitismo e o nacionalismo. De um lado e de outro as espíritos fortes e capazes de lutar pela victoria de sua causa.

Os cosmopolitas vêm por si a universalidade da arte, que tem o dever de independência de todos os povos, não pode considerar-se affecta de influencias estrangeiras, e de nenhuma maneira de pensamento e de sentimento, que seja mais ou menos do que outros foram a volta do mundo.

E de todos os tempos a influencia de uma literatura sobre as outras que não dependa nada do mesmo grau de prestigio e apogeo. Os gregos, vellos heróicos dos povos orientaes, em certo momento foram invadidos pelos romanos. Muitos dos brasileiros foram os espanhóes, hoje seus discipulos. O romantismo, originario da Alemanha, se espalhou pela França, Itália, Hespanha e Portugal e chegou até nós.

Reflexo a literatura italiana nos seus laços a tyrannia do latim e profunda influencia do francês e do povençal.

A propria Inglaterra, no seu isolamento, não se tem livrado completamente do super inspirativo estranho.

Basta de exemplos, tomados a esmo, ao saber de reminiscencias de leituras de J. Frimantoux Kelly, Henrique Hauvette e Edmundo Guise, esses três eximios historizadores de nossas literarias.

O nacionalismo appella para dois sentimentos poderosos: o de patria e o de verdade. Fala ao povo com a linguagem do povo e de coisas que elle conhece, ama ou admira. Ah! está o segredo de sua força e talvez de sua victoria final.

Não h duvida que o mundo classico é bello e empolgante, mas a prudencia manda que imitemos o gesto de Uysse, quando abandonou a ilha de Calypso, infurado da perfeição e se atirou em fragil lenho á furia das mares em busca da terra naval e das coisas imperfeitas. Está na V rhapsodia da *Odisseia* a façanha do heroe.

Tomemos dos classicos a simplicidade e a harmonia, moldes abstractos dentro dos quaes devemos vasar as emoções da nossa raça e as idéas dos nossos dias.

Fiquem em paz as nereidas, faunos e sátiros, todo o cortejo da mythologia pagã, que teve em Camões, ha seculos, o seu ultimo e genial evocador:—

De Veloso espantado hum grande grito:
—Senhores, caça estranha, disse, é esta:
Se ainda dura o genbo au'guo rito
A deusas é sagrada esta floresta:

Mais descobrimos do que humano espirito
Dessejo manca; e bem se manifesta,
Que são grandes as coisas e excellentes,
Que o mundo escute aos homens imprudentes.

Siguem estas deusas, e vejamos
Se plasmáticas são, se verdaderas.
—Um dia, vellos mais que gamos,
Se ligam a correr pelas ribeiras
Fugando as nymphas vão por entre ramos;
Mas, mais indolentes que ligeiras,
Pousam e pousam somido e gritos dando,
Se dizem si das galgas afoçando, (C. IX)

Nos dias que vivem esta proeza de evocar nymphas malta o seu Da Costa e Silva, poeta singular em nossas letras.

O guia do movimento nacionalista nos do-

NO ALTO COMERCIO



Cel. Francisco Xavier, chefe da Importação
Firma NAVEIRO & C.

minicos da arte brasileira é sem duvida o sr. Monteiro Lobato, formado essencialmente dentro de um latim, figura principal da nossa literatura. O escultor paulista representa uma verdadeira *fenix* brasileira, falada a ampliar os horizontes do nosso espirito, como as bandeiras paulistas de século XVII, que afastando os limites do tratado de Madrid, augmentaram consideravelmente o territorio nacional. O caso das suas obras, das edições de sua casa editora e da "Revista do Brasil", não são antecedentes aos annos literarios do pen.

Almejam o sr. Monteiro Lobato e os que o seguem de perto fazer uma verdadeira revolução esthetica, apanhando a psychologia da gente brasileira urbana e rural, e guerreando no dominio da linguagem o logar comum e o pedantismo classicista. O seu programma é, em summa, fazer literatura genuinamente brasileira em lingua nacional.

"A nossa grammatica, observa João Ribeiro, no ultimo dos seus livros—"A Língua Nacional", não pode ser inteiramente a mesma dos portuguezes. As diferenciações regionaes reclamam estylo e methodo diversos.

A verdade é que, corrigindo-nos, estamos de facto a mutilar idéas e sentimentos que não são peçoasas.

Já não é a lingua que sujeitamos a servilismo inexplicavel.

Falar differentemente não é falar errado. A physiognomia dos filhos não é a aberração hereditaria da physiognomia paterna".

O sr. João Ribeiro, com a sua notoria competencia, esclarece o problema da linguagem normal no país. Vemos que o sr. Monteiro Lobato tem por si a auctoridade de tão consumado mestre. Mais, a propria sciencia da linguagem o ampara. Está fóra de contravérsias que o portuguez falado no Brasil e o falado em Portugal actualmente são codialectos do portuguez do século XVI. Subordinar, por amor de uma uniformidade impossivel, um ao outro é o maior dos contrasensos philologicos.

Já era tempo de nos libertar do jugo lusitano nessa grave materia da lingua escripta. Na lingua falada a nossa alfabetria foi conquistada pouco a pouco pelo jogo natural das leis glotticas.

Ninguém se atreve ao uso quotidiano do idioma imitar o característico sotaque portuguez, o que deviam fazer os lusophiles para serem coherentes e darem o exemplo do *bon falar*.

O portuguez quinhentista e mesmo seiscentista é para nós uma lingua tão morta como o latim do século de Augusto e o grego do tempo de Pericles. E tanto é morta que nella não nos podemos exprimir sem artificio. Afastem-nos do phrasar classico as hodiernas tendencias analyticas do espirito.

Não importa a proclamada autonomia da lingua nacional no desamor dos estudos classicos e em guerra aberta aos exemplares da vernaculidade lusitana.

Devemos versar e estimar os classicos portuguezes com o mesmo carinho com que estudamos os das outras literaturas.

Camões, Vieira, Bernardes, Frei Luiz de Balsa, para só citar os maiores, devem receber

constantemente o nosso culto, São modelos do elegante escrever, senhores absolutos do idioma.

A nossa rebeldia deve erguer-se contra os enfatuados rethóricos do «que se não deve dizer», e do «que é correcto».

Tínhamos chegado ao ultimo grão do servilismo intellectual e após cem annos de independencia politica ainda tínhamos de subordinar a nossa linguagem á approvaçào de censores lisboêtas, que recordam os censores do Santo Officio.

Reagindo contra a influencia portugueza actual e a inconsciente imitação dos classicos, o sr. Monteiro Lobato trilha o caminho aberto por José de Alencar, o primeiro escriptor que entre nós se revoltou contra a tutela ultramarina.

O momento afigura-se-nos opportuno para a disseminação dessas idéas e propáganda da

autonomia da nossa lingua, pois estamos em vespéras de festejar o centenario da independéncia politica nacional.

Fez bem a sociedade de *Propaganda Nativista*, do Rio de Janeiro, em incluir entre os mandamentos do patriota brasileiro, o de «falar e escrever em lingua brasileira, isto é, em portuguez modificado e melhorado pelos brasileirismos e locuções da numerosa população brasileira, já incorporados ao nosso patrimonio linguístico».

Os que defendem o nacionalismo na linguagem não pretendem arvorar a bandeira das erroneas, reconhecendo o direito de falar errado.

Não! Querem elles é zelar a tradição brasileira, o sentimento da brasilidade, a parte do patrimonio commum que nos tocou livre de onus e encargos.

ALCIDES BEZERRA

“BOLETIM INFORMATIVO DA PARAHYBA”

Conforme era esperado, appareceu na segunda quinzena do mez findo o «Boletim Informativo da Parahyba», util publicação referente ao nosso Estado, levada a effeito pelos nossos confrades da imprensa pernambucana, srs. Alfredo Silveira e José Penante.

A obra referida sahiu das officinas graphicas da Imprensa Official e os seus directores, como confessam no Boletim, devem sua publicação á generosidade do exmo. sr. dr. Solon de Lucena, presidente do Estado, que ha estimulado outros trabalhos, todos affirmadores dos surtos de progresso de nossa terra.

“O Boletim Informativo da Parahyba”, como seu nome nol-o diz, é um repositório de informações sobre este Estado, tendo multiplas applicções e não descurando de nada que possa interessar aos desconhecedores do mesmo.

Na capa, aberta no centro, vê-se o retrato do exmo. sr. dr. Epitacio Pessoa, presidente da Republica, secundado pelo do exmo. sr. dr. Solon de Lucena, presidente do Estado, seguindo-se os dos srs. drs. Alvaro de Carvalho, secretario geral do Estado, Democrito de Almeida, chefe de Policia, d. Aducto Miranda, arcebispo metropolitano, Isidro Gomes, presidente da Associação Commercial, Guedes Pereira, prefeito da capital e outras figuras representativas da Parahyba do Norte.

A feição material, que é das mais elegantes que temos visto, é a affirmativa do elevado grão de progresso attingido nas artes graphicas pelos operarios da Imprensa Official.

Elaborado e confeccionado no curto espaço de cinco mezes, o Boletim excedeu á expectativa de quantos aguardavam o seu apparecimento, cuja victoria já preconizava a impren-

sa indigena e que foi confirmada pela accitação que alcançou da parte do publico.

A elaboração do Boletim presidiu grande interesse dos seus organizadores, manifestado nas menores particularidades pertinentes á nossa vida, o que, aliás, já era de esperar,

PELO LYCEU PARAHYBANO



O sr. Adolpho Moura, alumno do 5.º anno.

dada a pratica e zelo que têm attestados em outros trabalhos de utilidade executados em alguns Estados da Federação.

Felicitando os nossos distinctos confrades pelo exito alcançado com a publicação do Boletim Informativo da Parahyba, “Era Nova” agradece a gentileza que tiveram offerecendo-lhe um exemplar do mesmo.

Leiam o “Boletim Informativo da Parahyba do Norte”

LIVROS NOVOS

O MAGISTERIO ECCLESIASTICO *A Revelação; suas phases, seu progresso.*

O sr. conego dr. Pedro Anisio acaba de brindar-nos com um exemplar da conferencia, que sob o título e subtítulo acima, por s. s. foi lida em sessão do clero parahybano em agosto p. passado.

O trabalho do auctorizado escriptor conterraneo é de subido quilate philosophico, podendo sem favor reclamar logar de honra na nossa publicistica.

Aqui seria já superfluo realçar os largos meritos do nosso prezado collaborador, visto como elle de si é tão fartamente conhecido pelos seus escriptos philosophicos e litterarios, publicados em jornaes e revistas da terra. Limitamo-nos somente a registar a gentileza do auctor pela distincção da offerta.

Sem religião, seja ella qual fôr, ninguém poderá viver bem. Todos nós devemos ter uma religião, porque o fim de qualquer dellas é abrandar os odios e reviver o bem em nossa vida, fazendo com que sejamos bons para com os nossos semelhantes e até com os bichos. Não esbordoemos os mais fracos, não matem a ninguém. Não tenhamos inveja, não cubicemos o que os outros possuem, não roubemos a ninguém. Sejam sempre amigos sinceros uns dos outros, procurando auxiliar e alegrar a todos...

“Escola Domestica”

Realizou-se no dia 23 do mez proximo findo, nesta capital, a inauguração da «Escola Domestica», levada a effeito pelo prof. Octavio de Barros, director do «Instituto Spencer» e outras pessoas representativas do nosso meio social.

A sessão inaugurativa esteve sob a presidencia do dr. Flavio Marója, vice-presidente do Estado, secretariado pelo dr. J. da Matta Correia Lima, sendo na mesma discutidas as bases e organização da «Escola Domestica» e nomeada u'a comissão composta dos srs. dr. Alcides Bezerra e Octavio de Barros e dra. Albertina Correia Lima para elaborarem os estatutos do novel curso modelo.

Com a inauguração da «Escola Domestica», que será dirigida por uma professora allemã, o prof. Octavio de Barros presta um notavel concurso á instrucção publica parahybana, que de ha muito vinha carecendo de um estabelecimento nos moldes do recém-inaugurado.

Felicitemos o director do «Instituto Spencer» e os demais fundadores da «Escola Domestica», augurando-lhes exito completo na grande tarefa que acabam de tomar a hombros com denodada entrepidez.

≡ FORÇA E COMPAIXÃO ≡

À saudosa memória de SILVINO MONTENEGRO, alma compassiva e meiga, exemplo vivo de abnegação.

Houve tempo em que os deuses não tinham sequer direito à vida.

Seres de gracil compleição, rachiticos e deformados, deviam desaparecer em processo de regressão.

Todo seu crime era terem recebido da natureza maldições uns atrozes e deformidades que os alongavam do ideal estético então vigente.

Não se estava então fora do estylo que a belleza, a graça, a harmonia dos traços e forma exterior.

Aos mais povos, neste ponto, excelsos os Britânicos.

Numa sociedade assim, Alciólades era apontado como prototypo de perfeição, enquanto oiancinhas infermes quiçá, arrimo da patria, se vissem a homens, eram lançados às montanhas do Taigeto.

Não se lhes consentia esquecerem-se ao regaço materno, fruírem a meiguice de um riso, bebem a doçura de um olhar. De pancada os faztavam às humanas caricias e ao conforto da vida.

Desconhecia o mundo antigo esta delicadeza de sentimentos, apanágio dos tempos novos. Inaugurou-a na terra o Evangelho. Dantes eram os homens estranhos à ternura, à piedade, à compaixão e amor effectivo que alucizam hoje nos corações bem nascidos ao admirar da miseria e do infortunio.

Ainda nos tempos de seu maior esplendor, por muito elevado que fosse ali o conceito da educação, a Grecia não soube mais que exaltar a força e o valor pessoal.

Na prece que Homero põe á boca do illustre pae troiano a antiguidade excede-se a si mesma. Entanto que distancia do ideal christão!

Quando estreita em seus braços o doce peitor, o filho dilecto, que Andromacha trazia ao seio, irradiante e fulgido de belleza como um astro—*Hectoridem parvum, unigenam, salubramque nitenti os astro similem*—a alma curvil do guerreiro acorda os brios todos e faz aos deuses esta prece que Cunicilius, como ninguém, aqui nos traduziu:

Qualis ego in Teucris darescat; robore possidet; Vique animi; et regno fortis potiatur.

O pae remira-se no valor do filho: onde quer que haja um lar fecundo e nobre, ecôa esta prece com seus accentos inspirados: «Seja magne por façanhas, claro por virtudes, maior que o pae».

Atque aliquis, pugna reducem, dum cernit,

hic ipse. Fortis, exclamat, vincit factisque possidet.

E' bem um fim nobre, alevantado e digno que o poeta expressou ao vivo e como que *stereotypom* neste symbolo grandioso.

Todavia, se é capaz de erguer uma nação por tempos ao fastigio do poder e da gloria, quem não vê quanto lhe falta ainda para rivalizar com esse ideal forte e suave, que ao valor e á coragem ajunta a paz e a caridade, que não pecca por unilateral, todo lucido e perfeito que só Deus mesmo nos podia dar?

Para o debil, o fraco, o desprotegido da



Mlle. Antonia Popalides, virtuosa musicista patria, autora da bella canção ERA NOVA que será brevemente publicada pela *Revista* pascal.

natureza não tem a antiguidade tendo a natureza, a eliminação.

O forte, esse a si mesmo se basta e, como o disse Guilherme Tell, é mais forte ainda, se está só.

Mas as venturas debiles e miserabiles, os caracteres delicados, os seres que não de natureza malleavel, que se debilitam aos mais e nunca têm opinião sua personalitate, cujas energias são postas para a manutenção da propria existencia—os atenuados e debilitados, os anormaes de toda a especie—como podem passar sem o auxilio do forte?

Não. O conceito hegel de homem forte não pode ser esse que a philosophia pessimista de Nietzsche nos mette á alma a dentro após dezannos: *veritas de civilização christã.*

Forte não é o que supplança o fraco, o que imperturbavel e impassivel é da trizã condição dos outros, como a *Neptunophobie* faz dizer Fausto.

O forte verdadeiro é o que se presta mutuo soccorro, o que tem a alma bastante grande para abrigar a compaixão e o amor para com o pobre, o fraco, o desvalido.

O homem não é um solitario, deva nos citar

ainda uma vez a phrase de Leibnitz, é um ser social. O amor é a fonte do progresso. A abnegação e o espirito de sacrificio, a raiz da força e da grandeza.

A idade media criou o auxilio ao fraco; e o seculo XIX, deu-nos a solidariedade; Christo tudo resumiu numa palavra—o amor, o sacrificio. E' elle a plenitude da lei e o centro de gravidade do mundo social.

Os caracteres que vestem a armadura dos fortes, que combatem com galhardia e denodo, são os que sabem soffrer e supportar. As personalidades inteiriças e completas, ricas de valor e exuberantes de vida, são as que levam aos deuses a energia mysteriosa, os encorajam e fortalecem, os educam e enrijam e convertem em valores sociais. São os que abrem os asylos para a infancia e os desvalidos, os que enxugam o pranto á orphandade e á viuvez, os que pensam feridas, consolam maguas, mitigam penas.

Estas as almas de esco, compassivas, meigas, piedosas.

PADRE PEDRO ANISIO

PENSAMENTOS ADEVERSO

Ofrêço lées verso ao culega Sinezio Guimarães, illustre deretô deça fabricação.

— Tem de casá cum Vicente!
(Berrou seu Zé p'ra subrinha,
Uma magrella, sem dente,
Qui uns trinta cajú já tinha)

Elle anda bambo... duente...
Tem uns burro e umas vaquinha;
Se isfalicê derrepente,
Teu é os burro; as vaca é minha.

Sorta a moça: — Qui capricho!
Qui intulicança e bextêra!
Meu tio agora indoidou...

Eu casá cum aquelle bicho?!
Perfiro morrê sortêra
Nem qui seje de istopô!

Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia

Não é muito consagrarmos mais estas paginas de nossa revista ao Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia.

Este é, com effeito, o mais bello padrão de

Aqui só o regime da rigorosa prophylaxis, o regime da prevenção, o cuidado da infancia. Ou isso ou o esphacelo moral da patria, a desgraça e a barbaria.

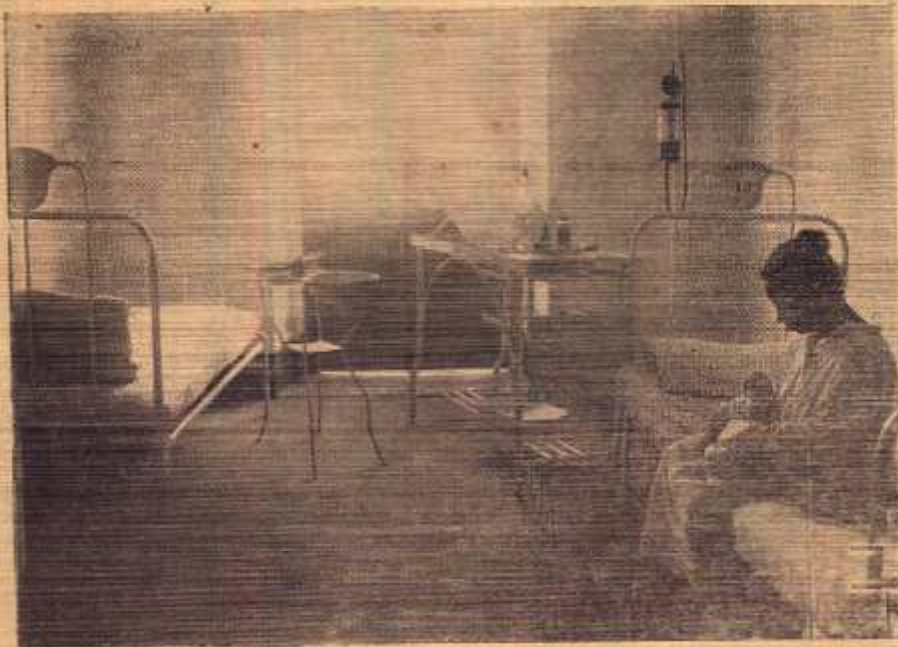
Graças á tenacidade e aos esforços de seus filhos illustres, pôde orgulhar-se de possuir hoje os seus institutos de protecção e assistencia á infancia.

Ao lado do orphanato, que se patenteia na severa construção de seu prodio amplo e confortavel, surge o Instituto de Protecção á Infancia, com suas três secções—a Polyclinica a Maternidade e a Escola dos menores abandonados, cada qual com sua função mais nobre e alevantada.

Consagra a Maternidade seus cuidados á vida endo-uterina. Esta é a phase mais delicada que o menino atravessa. A mil vicissitudes está elle sujeito: traumatismos, compressões e deformidades de toda a sorte; disturbios psychicos e nervosos, vícios, falta de hygiene que lhe podem acarretar graves irregularidades no desenvolvimento organico.

Entre as causas da assombrosa mortalidade dos primeiros dias de vida e ainda, podemos acrescentar, dos dois primeiros annos, figura o o abandono a que se deixa a mulher no periodo de gravidez.

Que o repouso, a hygiene, o trato cuidadoso da mulher, mormente nos três ultimos mezes que precedem ao parto, muito influem para a vitalidade e resistencia organica do filho que traz ao seto é coisa sobre que se não discute. As mães que se dão aos duros trabalhos do campo e da agricultura, ás pe-



GABINETE DE OPERAÇÃO DA MATERNIDADE

glorias que a alma christã da Parahyba moderna erigiu á causa da civilização.

Só agora nos lembrou desobrigar-nos para com a criança, reconhecendo o seu valor efficiente no mundo, a sua função social no futuro, rehabilitando-a á vida e integrando-a na sociedade como elemento consciente e força apta.

Felizmente este amor, que se ostenta hoje, por toda a parte, á criança desamparada, vale por um desagravo á indiferença e o criminoso olvido dos seculos passados.

Nada ha mais formoso que esta legenda que o nosso seculo estampou no frontispicio das cidades: «Por meio da infancia sirvamos á Patria!»

Nenhuma cruzada mais santa, nenhum apostolado mais nobre que este. Na criança já se esboça o homem de amanhã, pelo que ella é hoje já se advinha o que será a sociedade futura.

Augmenta de anno em anno o numero dos criminosos precoces? pois a sociedade já não tem sobre que assente a sua grandeza e o seu porvir: ei-la

*... somigliante a quell'inferma
che non può trovar posa sulle p'ume
ma con dar volta suo dolor non scherma.*

Debalde tentareis a cura do mal se não levais remedio á mesma fonte donde elle promana.

O seculo da criança é, pois, o seculo da civilização.

Ainda bem que a Parahyba soube desco-



UM DOS DORMITÓRIOS DA MATERNIDADE

brir-se como Achilles acudndo ao toque de rebate! Mostrou-se digna e generosa para com a infancia desvalida.

nasas fadigas das fábricas e officinas, e com as que jazem em penuria extrema e devem assim ir de pé, sem interrupção alguma, até

o parto, ou não conduzem a bom termo os seus fructos ou não os dão sem aquella belleza, força e vigor que era de desear.

De perto de 4450 observações colhidas, com rigoroso methodo, para sua deuta relação ao X Congresso internacional de hygiene e demographia de Paris, chegou Pissard a notar uma differença de peso de 300 grammas para mais no filho da mulher que descansa durante a gravidez. A estas promições coidadas, ajuntam-se os incomparáveis serviços da obstetricia, os preciosos ensinamentos da hygiene sobre o aleitamento, vestes, etc. e ter-se-á uma vida de alto e sobrado papel da Maternidade.

A Polyclinica torna a si o mesmo nas phases seguintes da primeira idade.

Desenvolvimento se torna essencial na multi-

plisidade de applicações, muitas dellas de origem cerebral.

Nunca, sabemos, portanto, esquecer bastante estrota senão do Instituto, a primeira inaugurada e que vai por dez annos presta á nossa patria os mais relevantes serviços.

E a Escola dos meninos abandonados?

Por mais rudimentar ainda que esteja, ella cresce na Parahyba. Podemos apontar a na escola dos capitães. Todos a conhecem. Faltava a dedicacão do Director do Instituto de Protecção á Infancia, hoje á frente dos destinos desta cidade.

Nunca, incipiente, porém, falta de tudo está bem longe de substituir a sua fim, mas não foram esse mesmo, como já pensa o seu benemerito fundador, a sermos completa per-



ASPECTO DE OUTRO DORMITÓRIO

pios beneficios que a polyclinica dispensa ao mesmo parahyano.

O nosso movimento demographico, apesar de sua notoria deficiencia, já fala eloquentemente em favor desta utilissima instituicão. E' corrente em medicina que os preceitos hygienicos applicados a tempo podem furtar o menino aos estragos de uma herança morbosa e contribuir efficazmente para a regenerescencia da raça.

Além da syphilis, da tuberculose e do alcoolismo, que tanto prejudicam á prole, factores outros há que atacam terrivelmente a vida infantil e contra os quaes urge defendel-a. A' malaria, só por si, attribue Colletti, o illustre Professor de Pavia, a grande mortalidade infantil da Sardenha. Este exicial factor é capaz de produzir, no cabo de algum tempo, seria perturbação na vida de um povo. E a ancylostomose, que forte e intensamente grassa em não o Brasil, não só causa damnos á nutrição geral, como paralysa o desenvolvimento dos centros nervosos e dispõe o organismo a

feita, a funcionar, com o necessario, nas mediações da capital.

Em todo o caso ella cresce. Setenta alumnos furtados ao jogo, ao ocio, á libertinagem, bebem alli a instrucção e aprendem na escola do trabalho a dignidade e a honra.

E se a atrophia etica é de todos os factores o que entra com maior quota para o commendo dos crimes precoces, á Escola dos meninos abandonados também cabe incontestavelmente o primeiro logar na ingente obra de regeneração social. Mas só a posteridade saberi celebrar as insignes victorias jã luctadas no Instituto de Protecção á Infancia.

COO DE S. VICENTE

Todos os sentimentos para obedecer á lei da verdade. Onde começa a mentira, principia a infidelidade, se abor e esculha da traição.

(Ruy Barbosa)

Como saber-se se o ovo é fresco?

Poder-se-á dizer com segurança a "idade" de... um ovo? O "Strand Magazine" diz que sim, e ensina um processo ao mesmo tempo engenhoso e simples, pelo qual se consegue saber, sem erro possivel, a data exacta em que foi posto o ovo que comemos.

Dir-se-á que é isso coisa de somenos, insignificante? Absolutamente não. E', ao envés, importantissima e util, porque toda gente sabe como é frequente as cosinheiras deixarem-se enganar por negociantes inescrupulosos, que todos os dias livres estão vendendo como fresquissimos, "postos no mesmo dia, de manhã cedo"—os ovos velhissimos de mais de mez.

O descobridor do systema observou que na extremidade mais bojuda do ovo de gallinha se encontra, como é sabido, uma pequena cavidade, ou entre a clara e a casca, e que, á proporção que o ovo envelhece, essa cavidade ou «vasio», augmenta. Logicamente se deduz que uma parte do ovo é mais leve que a outra, portanto maior seu grão de fluctuação.

A experiencia seguinte demonstra perfeitamente o raciocinio.

Depois de lançar-se em um vaso de vidro uma solução de agua e sal, na proporção de uma parte de sal para duas d'agua, filtrada ou não, deixa-se-lhe cahir dentro o ovo: a posição em que este se quede no liquido indicará exactamente quantos dias tem elle de postura.

Se foi posto já decorridas 30 horas, tomará a posição horizontal; se já tem 3 dias de postura, levantar-se-á ligeiramente do fundo vaso; á medida que passarem os dias, o ovo irá descrevendo no fundo do recipiente uma curva, que dia a dia se accentuará. Passados 8 dias o angulo descripto desde a horizontal que será de 45 grãos.

Si se houver passado uma quinzena, o angulo será de 60 grãos; 75 grãos depois de 3 semanas; e quando já seja o caso de havel o a gallinha posto um mez antes, o angulo é exactamente de 90, isto é, o ovo terá tomado a posição vertical.

(Ext)

—O épico latino bem disse que a fama adquire forças na carreira—*Vires acquirit eund*—mas a infamia corre ainda mais veloz.—Silva Lisboa (Visconde de Coeyri).

—Quem gasta menos do que tem é prudente; quem gasta o que tem é christão; quem gasta o que não tem é ladrão.—D. Francisco Manuel

—Mulher que refrear os impetos do seu temperamento, é tanto como divina, senão é mais, por supplantar a natureza, divinamente saturada do deus universal, do grande Pan.

DE PASSAGEM...

IX

... O mez de setembro, hontem findo, passou fertilissimo em acontecimentos que evocavam um passado glorioso. O correr dos tempos, o perpassar dos seculos, não conseguem apagar da memoria dos homens os feitos daquelles que se bateram pelos grandes idéas deixando aos posteros exemplos de civismo, abnegação e coragem que nos enchem de orgulho e admiração.

A nossa tendencia visa sempre a reforma dos costumes, e em toda a parte a civilização é chamada a ditar as suas leis soberanas, firmando um código a que se submettem os povos, sem protesto e sem rebeldia.

Tudo se altera e se modifica, tudo soffre a acção do camartello destruidor; só a Historia permanece intacta, inatingivel, desafiando a audacia dos que lhe pretendem desferir golpes traiçoeiros e perversos.

E' que somente ella, a Historia, dá a um povo a consciencia de si proprio, conforme sentença A. Schopenhauer.

Nenhum brasileiro conhecedor das cousas patrias deixou de recordar o extraordinário acontecimento de 7 de Setembro, desenrolado nas margens do Ypiranga, acontecimento com que o paiz inteiro se movimenta, se apresta, para commemorar em 1922, sob o título patriótico de 1º Centenario da Independencia. E quantos nomes envolve esse grandioso fact' da nossa historia politica, formando ao lado de José Bonifacio de Andrada e Silva?

Os jornaes da vizinha capital pernambucana enchem as suas columnas de referencias honrosas á memoria de D. José Joaquim da Cunha Azerêdo Coitinho, que foi bispo de Olinda, e cujo 1º centenario do seu fallecimento passou a 12 de setembro transacto.

Lê com attenção e interesse a biographia desse sacerdote, que foi ao seu tempo uma gloria do clero brasileiro. As homenagens que foram tributadas á sua memoria, dizem eloquentemente dos meritos excepcionaes de d. Azerêdo Coitinho, que, por onde andou, deixou cair a mancheias a semente do bem, sempre doutrinando para o bem e dando provas de suas raras virtudes.

Em um artigo publicado pelo conego João de Barros Uchôa, no *Jornal do Commercio*, do Recife, lê-se o seguinte, a respeito do grande morto:— «Homem extraordinario, poderá ser estudado nas multiplas faces de brilhante raro, como estadista, economista, apostolico e zeloso bispo, publicista de escol, pois é autor de 17 obras sabio e bemfeitor.»

Mathias Ricardo, em um artigo inserto no *Jornal Pequeno*, referindo-se ao amor patrio de d. Azerêdo Coitinho, repete as suas sentenças palavras:

«Eu me contento, termina Azerêdo Coitinho, de ler desafiado aos valorosos aeronautas a fazerem novas tentativas para se conseguir o fim do grande e util descobrimento dos balões volantes ou machinas aerostaticas. Eu só peço em recompensa de meu trabalho, que no peito do passaro se ponha a seguinte inscripção:

«O' Passaro do Brasil
Voando em giro rotundo
Levará riquezas mil
A's gentes de todo o mundo»
E foi esse vulto nacional que desapareceu

A MORTE DO SOL

LECINTE DE LISLE

Lembra o vento outonal, longinquo, equóreos ruídos:
pleno do ancioso aëus vindo de ignotas dôres;
e mésto, agita ó Sol, nos bosques e arredores,
os hartos troncos nús, no teu sangue embebidos.

A folha em turbilhões pelos verdes pendores
ró'a; e vêm-se, a oscillar, na agua reproduzido,
aos avanços da Tarde e, em repouso, pendidos,
os grandes ninhos, sobre os ramos já sem fiôres.

Tomba, ó Astro glorioso, alma e fonte do Dia!
Cae te, em jorros, da chaga o oiro que te gloria,
Como de um seio forte o excelso amor, que inflamma...

Morres!... Renascerás!... A esperanza é fagueira...
Mas... quem fará voltar a vida, e a voz, e a chamma,
ao morto coração, na queda derradeira?...

SILVA LOBATO

ha cem annos, «elle que teve no Estalo do Rio o berço, em Olinda o Thabor, em Elvas o tumulo.»

A 14, ainda de setembro, todo o mundo culto commemorou de modo condigno a passagem do 6º centenario da morte de Dante Alighieri, o auctor immortal da *Divina Comedia*.

Esse longo tempo, esses 600 annos já decorridos, não fizeram esquecer o valor daquelle personagem que foi uma gloria do seu tempo e um admirado do universo inteiro.

Poucos desconhecem, atravez das tradições e das referencias que notabilizaram uma época e immortalizaram um nome, — época e nome que tecem atravessado incolumes o indifferntismo doentio e a gratidão humana e são hoje commemoradas com ardor e entusiasmo de um fact'o de hontem.

A minha leitura attenta, mais uma vez se concentra nos «Ensaes Criticos e Historicos»

de Lord Macaulay, a respeito do grande genio italiano.

Assim começa o admirado critico inglez:— «Em um estudo da litteratura italiana, Dante tem um duplo direito á primazia. Elle foi o primeiro e o maior escriptor de seu paiz. Foi o primeiro que descobriu e demonstrou plenamente as possibilidades do seu dialecto nacional.»

De todo o trabalho de lord Macaulay vê-se que Dante, o *propheta*, foi um ente privilegiado, desses que a natureza se esmerou em produzir, fadando-o ás altas concepções, ás grandes conquistas do espirito, e destinou-o a ser um inesquecivel na Historia da Humanidade.

Nada escapou aos seus estudos e investigações, até o amor, expresso no último verso

da *Divina Comedia*, quando diz: *l'amore che muove il sole e l'altre stelle.*

Para honra de nós brasileiros, a grande data foi commemorada de modo condigno.

Do Rio de Janeiro chegam-nos pormenores das grandes manifestações tributadas em veneração á memoria do incomparavel poeta, até aquella da inauguração da pedra fundamental duma estatua em homenagem ao immortal auctor da *Divina Comedia*.

Na Parahyba também a colonia italiana, num surto de louvavel patriotismo não deixou passar despercebida a memoravel data, realizando uma sessão solemne na sede da *Societá de Beneficenza XX de Setembro*, sendo pronunciados discursos de apologia ao inclyto poeta florentino.

E fecho a presente chronica com os meus applausos a tudo quanto se fez e disse do grande vulto que foi o admirado e inesquecivel filho do paiz da arte, da belleza e da musica.

DO NACIONALISMO

O artigo de fundo estampado n.º "A União" de 18 do corrente, sob a epigraphe acima, da lavra do sr. Alfeu Rosa, suggeriu-nos o desejo, aliás sem occultas intenções e ao fim propositivo de não manter politica, de bordar alguns comentarios em torno da novel campanha appellada de "nacionalista".

Apesar de não ser, como muitos supõem, uma innovação descabida, nascida de improviso nos dias que passam, ella se accentuou e se tem intensificado, não ha segor, a partir de 1914, como um dos mais benéficos estímulos da grande guerra.

Dizemos ter sido um entusiasmo genuíno advindo do formidável conflicto europeo, por isso que a par da presente necessidade em que nos vimos, no momento, de intensificar a nossa produção industrial, agrícola e de todas as fontes de riqueza do país, balancendo ao mesmo tempo todas as nossas possibilidades chrematísticas, fez reacender o nosso espirito nativista no aguçamento do mais legitimo instinto de defesa, para a reação necessaria.

Os nossos brios indirectamente offendidos pela ameaça collectiva ás nações contrarias ao imperialismo do momento, vibraram unisonos, polarizando-se na concentração de todas as energias aparentemente adormecidas, para a desafrota da Patria, se assim se fizesse preciso. E nessa angustiosa tensão de espirito e de nervos, permaneceu a alma nacional durante o desenrolar tempestuoso do drama sanguento.

Não estando até hoje o mal de todo conjurado, antes acirradas as rivalidades pelos interesses contrariados e mal advindos é natural que nos conservemos de sobreaviso. Para isso, forçoso é se não deixar arrefecer e apagar o "fogo sagrado" do patriotismo, n cessar a se fazer manter acceso o mesmo orgulhoso embalsamamento por tudo que é nosso, por tudo que nos diz respeito. Ademais, ecóam ainda aos ouvidos da nação inteira a fervorosa prece cívica de Olavo Bilac, appellando, já no limiar da morte, como um illuminado, para o devotamento patriótico da mocidade das escolas, para a abnegação da mocidade brasileira, vanguardas asseguradoras da nossa soberania.

No momento do perigo, quando este chegar, e que tal jamais aconteça, a nação inteira, cheia da mesma ardorosa fé, ha de marchar confiante ao lado dos batalhadores pela autonomia, pela grandeza, pela integridade do Brasil indivizível e uno.

Por mais apathicos que pareçamos aos olhos dos que nos enxergam através o prisma sombrio de um pessimismo dissolvente, não se acham, felizmente, embotados os nossos mais puros sentimentos de povo conscio da sua independencia.

A historia e os factos assim o demonstram; e assim tem succedido desde os nossos primeiros movimentos de reacção nativista em que culminou o genio guerreiro de Vidal de Negreiros contra o predomínio batavo nas terras de Santa-Cruz, ás successivas investidas dos bandos de 1798, 1817 e os da Inconfidencia, para a nossa definitiva emancipação politica.

Entre essas duas feitas de maior relevo historico, innumerados outros, de não menos importancia, são engraçados ate nossos dias o valor e a bravura do nosso povo. Elles se

na inconstancia moveidica daquellas terras mal firmes e a se dissolverem todos os dias na immensidade potamographica das aguas correntes, não só venceram a aspereza bravia do meio ambiente, como integraram o territorio acreano na communhão nacional, á custa do seu sangue, em troca da propria vida.

No entanto, esse mesmo povo que não so-bejamente tem demonstrado, nos momentos precisos, a superioridade das suas qualidades de nobreza, de valor, e de resistencia, tem vivido e continúa a viver ao desamparo e sem a mais leve protecção dos poderes publicos.

Emquanto os que vêm de fóra aqui se estabelecem sob a liberalidade das nossas leis, e aqui residem cercados de todas as garantias officiaes, como verdadeiros pupillos do Estado,



Mlle. Nilita Lins, filha do general Genil Lins, industrial neste Estado.

têm firmado, de maneira inqumissavel, não somente nas pugnas guerras, mas, sobretudo no heroismo strict das luctações, na jornada da Laguna, e especialmente na conquista das selvas bellissimas do Roraima.

Esta alma, então, devotada exclusivamente á tetacidade e á resistencia dos filhos dos nossos sertões, quando a influencia dos criticos elementos da occidente humanista, esportivos, multiplos, para os portões malargados dos serroes selvagens. E ali, luctando solidos e sem sentir qualquer dos poderes publicos contra todos os factos contrarios á saúde e á segurança do homem



Debaixo do Tamarindo

No tempo de meu Pae, sob estes galhos,
Como uma véla funebre de cêra,
Chorei billhões de vezes com a canceira
De inexorabilissimos trabalhos!

Hoje, esta arvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da Flôra Brasileira
E a paleontologia dos carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
De minha vida, e a voz dos necrologios
Gritar nos noticiarios que eu morri,

Voltando á patria da homogeneidade,
Abraçada com a propria Eternidade
A minha sombra ha de ficar aqui!

AUGUSTO DOS ANJOS



no dia de Euclides da Cunha, os nossos patriotas, obscuros sustentaculos da nossa nacionalidade, são postos á margem, e á semelhança dos párias e dos reprobos sociaes, vivem á mercê dos vendavaes da sorte e das varias endemias que lhes correm o organismo já de si apocados pela sua corrigível inferioridade biologica.

Estraquecidos moral e physicamente, e sem a instrucção necessaria para concorrer com o braço estrangeiro, vêm-se forçados na lucta das competições a ceder o passo ao mais apto. Só nas angustiosas aperturas do momento, sobretudo quando se acham affectos o brio e

a dignidade nacional, é que, paradoxalmente, têm assombros de energia e de heroísmo vizinhos da loucura.

Fôra disso são apathicos, indifferentes, pathologicamente uns vencidos.

Deslembrados de todos, delles os governos só se apercebem para a cobrança de impostos ou para serem achincalhados litterariamente sob epitheto amesquinhante, já hoje de todos conhecido, e que o maior genio da nossa raça, numa hora infeliz, julgou de bom alvitre popularizar.

Sendo a grande legião dos espiritos superiores que se ufanam de não estarem ainda contaminados pelo prurido theorico dos nacionalistas, os primeiros a nos depreciarem apontando-nos aos olhos da propria nação e das demais nações, como uma raça de incapazes, sem indagar das causas determinantes dessa inferioridade, não é de admirar que o estrangeiro nos considere abaixo dos povos mais ínfimos do universo. Dahi a exclusão ostensiva, quasi systematica, do elemento nacional nas fabricas, nas companhias, nos bancos e demais empresas estrangeiras aqui estabelecidas, embora gosando de todas as concessões e favores dos governos.

É contra essa deletéria campanha de difamação e de opprobrio que os "sectarios vermelhos do nativismo" antepõem a salutar campanha nacionalista.

Ella não visa, que nos conste, a perseguição ao estrangeiro e menos ainda impedir que elle venha collaborar comnosco no engrandecimento commum do paiz; mas, simplesmente, propugnar pela nacionalização do que é nosso, pela valorização do que nos pertence, e acima de tudo, trabalhar pelo soerguimento moral e educativo do nosso povo, humida factor da nossa grandeza e prosperidade, rehabilitando-o pela hygienização individual pelo saneamento do sólo, pela educação cívica, pela extincção do analfabetismo, pela diffusão da instrução technica e profissional.

Da finalidade de-se conjuncto de serviços do mais alto alcance patriótico aos extremos de uma xenophobia insensata, vae grande a distancia.

É possível que aquelles que tiram partido do nosso actual estado de coisas, mostrem interesse em fazer acreditar que a nacionalização da pesca, que a reintegração do nosso povo ao seu proprio estado de saúde pela assistência medica aos indigentes, pelo combate ás doenças venereas e ás nossas principaes endemias como a obrigatoriedade do serviço militar, etc, não tenham outro intuito senão o de hostilizar o estrangeiro.

Precamos como todos os paizes em formação da concorrência heterogenea desses elementos, e ali estão as garantias e vantagens officiaes permitindo e facilitando a entrada das correntes migratorias no territorio nacional. Mas, as nossas necessidades de cooperação do elemento alienigena, nem a nossa

magnanimidade de hospedeiros, devem baixar ao ponto de consentir que os dominadores do "capitalismo triunphante" levem o seu direito de "apropriação dos bens concedidos indistinctamente á humanidade", a nos fazer crer que somos hospedes e não os legitimos donos da nossa terra, segundo a expressão de Epitacio Pessoa, e menos ainda, que montem empresas jornalisticas para nos insultarem dentro da nossa propria casa.

Não se trata, portanto, de uma cruzada ingloria, irritante e esdruxula, visando apagar da consciencia nacional todos os vestigios do nosso passado e da nossa descendencia, como succedera por occasião do movimento separatista, em que os proprios nomes de familia de origem lusitana foram substituidos por sobrenomes indigenas. Trata-se de uma campanha

opportuna e necessaria, sem aquelles excessos exclusivistas só justificaveis pela exaltação de animo do momento e por effeito de mutuas represalias.

Hoje ella differe nos seus fins e nos seus propositos. É uma campanha á frente da qual se encontram homens da envergadura intellectual e da responsabilidade moral de Coelho Netto de Affonso Celso e de outros vultos de igual relevo social, e que tem o apoio e é prestigiada pelo actual presidente da Republica, incontrastavelmente um dos mais altos expoentes da nossa cultura juridica e estadista de largos descorrimos politicos, uma tal campanha, repetimos, não pôde deixar de merecer os applausos do Brasil inteiro, de todos os bons brasileiros dignos desse nome.

SILVANDRO SILVA

TEMPESTADE EM COPO D'AGUA

MONUMENTO A VIDAL DE NEGREIROS

A idéa da perpetuação em bronze do guerreiro patricio André Vidal de Negueiros levantou viva celeuma no seio donde partiu.

O patriótico tentamen foi no Lyceu Parahybano lembrado, ali vai por volta de alguns annos, pelo dr. Santa Cruz, mestre prorecto desse modelar educandario.

A lembrança parecia adormida, eis seccão quando, reponha nas locubrações egoisticas de três moços, cada um mais digno do que o outro, que para logo emprestam a tarrafa em nome de seus collegas, sem, todavia, lhes communicar.

Por força dos sentimentos de altivez que os outros asyiam, surgiu um protesto em nome da classe estudantina, que foi apresentado pelo verbo de alguns em sessão tumultuosa no Lyceu, presidida pelo dr. Santa Cruz, e, posteriormente, distribuido em boletins pelas ruas da cidade.

Os protestantes affirmam-se solidarios e coesos em torno da idéa grandiloqua e sublime, clamando, porém, contra a postergação de seus direitos, levada a cabo pelo improvisado comitê.

Na verdade, o de estranhar no caso é o de não ter sido a comissão dos três delegada dos alumnos do Lyceu e dizer-se representante da classe. No entretanto, esses distinctos moços não devem permanecer no proposito firme em que estão de levar avante a objectivação de tão louvavel empreendimento sem a contemplação dos seus collegas.

Quer nos parecer até que do tumulto o cabo de guerra parahybano, a quem ninguém nunca jámais excedeu em bravura e coragem, renegará essas homenagens postumas, que assim contrariam a mocidade patricia com tão desharmoniosas vibrações.

Era Nova, que só tem na effectivação dessa iniciativa interesses patrioticos, appella para os sentimentos cívicos dessa gloriosa mocidade, no sentido de unir-se entre si, para, sem discrepancia de um só, levar avante o projecto do monumento a Vidal de Negueiros, resgatando a divida da Patria para com tão denodado filho.

<p>PHARMACIA CONFIANÇA</p> <p>DE</p> <p>TERTULIANO C. DA MATIA</p> <p>Avia receitas por preço modico e com a maior prest.za</p> <p>Rua Borão da Passagem, 123.</p> <p>PARAHYBA DO NORTE</p>

ERA NOVA

A directoria deste magazino acaba de nomear seu correspondente em todo municipio de Guaratira o academico Agrippino Nobrega, desenhando presentemente um cargo federal alli e um dos directores do *Diario de Noticias*.

Recommendamos, portanto o nosso distincto cooperador aos dignos assignantes e admiradores da *Era Nova*, em Guarabira, esperando que os mesmos não se dispensar as maiores atenções como fizeram com o correspondente anterior, ao academico Agrippino Nobrega.

HYMNO

PARA O

Grupo Escolar "DR. THOMAS MINDELLO"

O livro — fonte de luz sublime
 Dá-nos conforto para viver,
 Luz e grandezas e livro exposto,
 Mostrando a glória do universo!
 Somos romeiros de amplos caminhos,
 Onde ha perfumes de terras novas...
 E as nossas almas illuminadas,
 Embora infantis marcham garbosas!

Claro — a meiga esperança
 De terra partir
 Nos mostra a bandeira
 De um livro partir!
 No gesto que desce
 As nossas lizes,
 Que dallas torrens
 Derivam clarões! . . .

Canções divinas de outras eras,
 Filigranadas de amor e crença,
 Trazem notícias de auras ventadas,
 Que o livro encerra grandiosa lumença!
 Elle é na vida vasta clarão,
 Onde nossa alma canta feliz . . .
 E' o nosso guia na vida insana,
 Pelos caminhos que Deus bençoa!

A meiga esperança, etc.

Tenhamos todos por vivo emblema
 — Saber e Crença — sonhar mais puro! —
 Busquemos todos a luz suprema,
 Marchemos rindo para o futuro! . . .
 Sigamos todos o mesmo trilho,
 Pois elle é todo resplandecente,
 Já que na infancia temos o brilho,
 Das lentejoilas de um sol nascente!

A meiga esperança, etc.

Saber, Trabalho, Crença e Verdade,
 Dão-nos, na terra, seguro amparo!
 Entre essas luzes a humanidade
 Trilha um caminho bemdicto e claro!
 Das bellas letras no firmamento,
 Devastaremos a treva insana,
 Pois quem tem luzes no pensamento,
 Não teme as trevas da vida humana!

A meiga esperança, etc.

ANTONIO FALCÃO

7-4-921.

POEMA DA TRISTURA

Razão têm os rio-grandenses do norte de admirar convictamente esse poeta inexcedível de melancolia que é Ferrelta Itajubá. O berço de Auta de Souza, a mulher santa da poesia, a mystica traductora da dôr, vibra em cada pagina, vive em cada verso, surge em cada rima, brilha em cada pensamento do «Terra Natal», a apothecose singela da noiva orando no altar de desventuras as saudades do noivo ausente.

«Poema da tristura», disse-o o proprio autor, affirmarão os que o lerem, imprevisadamente emocionados e feridos no mais íntimo d'alma. A terra natal não a esquece jamais: em a «formosa jerichô da natureza agreste», «terra do sal, ornada de cajueiros»; ora «partir um lampadario a natureza nua» da «terra quente do sal, de dunas alterosas». O poema é todo repellido de ternuras. O poeta canta que, levado «mendigo até de roupa» a abandonar a noiva, esta, não resistindo á dôr da separação, morre, compondo da saudade o brevíssimo.

Branca é seu «ramo verde» e á pobre mãe recommendava «quando orares por mim, por ella sempre rezes». Recorda, enternecido, os dias de infancia; descrê da felicidade pela distancia a que o levava á fortuna:

Foi muito cedo em ter os gozinhos da ventura
 Nessa um astro fulgo na lumença sobre escara
 Que a luz na interior da estrada dolorida.

Longe da noiva «alva estrella polar» do céu do seu passado, o poeta soffria:

. . . . Branca, tenho soffrido
 Tanto, que, de sofrer, estou desiludido
 De tudo.

Depois a saudade do torvão natal:

Quem nunca se sentiu de lar expatriado
 Não sabe quanto amarga a vida do desterrado,
 Sem pôde imaginar quanto afflige a fadiga
 De a lagrima nos traiz, longe da terra amiga.

Surge-lhe o pensamento real, claro, fecundo:

Seja o mais leve inventa, e lago mais prezada,
 Tudo se descompõe na ephemera jornada,
 Não ha brasa que atore os arautos tyranos
 De chelo amaldiçoado e indomável dos anos,
 Si o espirito amaldiçoado, escapa ás tempestades,
 Não está no indolente cetro das eras.

Após descrever transmutações da natureza, remata:

E a morte colerica, o luto nivelando,
 O tempo nivelando, e o tempo calificando.

Itajubá deseja finir-se nas asas da poesia:
 Hei de morrer cantando, começa, numa noite
 Sem nuvens desoladas . . .

As ultimas paginas de «Terra Natal» revelam
 a alma revoltada contra o egoismo humano:

Porque é muito custoso achar, nesta jornada,
 Quem, ao que busca sombra, offereça pouzada,
 Ao que vive faminto, ao que uma gotta pede
 De o pão que alimenta e a agua que mata a sede

O que mais admiro em Itajubá é a espon-

PERFEIÇÃO

UMA PERORAÇÃO

taneidade de seus versos: saem como prosa rimada, cheios de bucolismo, rugindo o mar em escarcéas, fiabellando arvôres frondes murmurôsas, cantando aves sonoras, rescendente de perfume o «lendaro roseiral das flôres encarnadas», e, com flôres e fructos o «ditoso laranja de moças namoradas».

A natureza palpita luxuriante: ante ella ajoelha-se o artista: as tardes de sua vida, porém, são melancolicas e o dealbar das auroras tristonho.

Em todas as suas paginas depara-se, como a nota mais encantadora, u'a simplicidade rara.

Não ha o ascetismo do «Horto»; o poeta prefere dirigir-se á natureza, chorar saudades da noiva, da mãe, da patria: sobalça-se nas asas da imaginação ás regiões do'a tristeza sã.

Ao lembrar da infancia como na nostalgia do torrão natal, no véo transparente de *Branca* como no aspecto silencioso da mãe querida, si não ha alegria não ha desbaladas desventuras.

Crê na resurreição: longe do berço involvidavel inspirara-se nas filigranas da saudade e espera rever o lar paterno.

O dia chega, mas *Branca* velejara o batel das illusões, espaço em fóra, á cata de consolações divinas.

«Terra Natal», pela poesia que o encerra, o sentimento que o traduz, a significação moral que o summaria, é bem um poema de adoração, de apotheoses, de luz, de arrebatamento.

O leitor acompanha o poeta em sua peregrinação e lamenta o homem em suas misérrias.

Feliz, todavia, quem as pôde traduzir em verso.

Ferreira Itajubá transmittiu em «Terra Natal» a saudade, o amor á patria, a veneração da mulher e o sentimento de artista.

JOAQUIM INOJOSA

::

A torre Eiffel, em Paris, tem 300 metros; o Obelisco de Washington, 160; as torres da cathedral de Colonia, 156; a flecha da cathedral de Ruão, 150; a mais alta das pyramides do Egypto, 147; a torre de Strasburgo, em Munster, 142; a torre de S. Estevam, Vienna, 138; a cupola de S. Pedro, em Roma, 132; a flecha da cathedral de Antuerpia, 120; a torre de S. Miguel, em Bordéas, 113; o campanario novo da cathedral de Chartres, 113; a cupola de S. Paulo, em Londres, 110; o zimbório de Milão, 109; a flecha do Hotel dos Invalidos em Paris, 105; o apice do Capitolio, em Washington, 93; o Pantheon, de Paris, 79; Sta. Sophia de Constantinopla, 58; a columna da Bastilha, em Paris, 47; a columna da praça Vendôme, em Paris, 43.

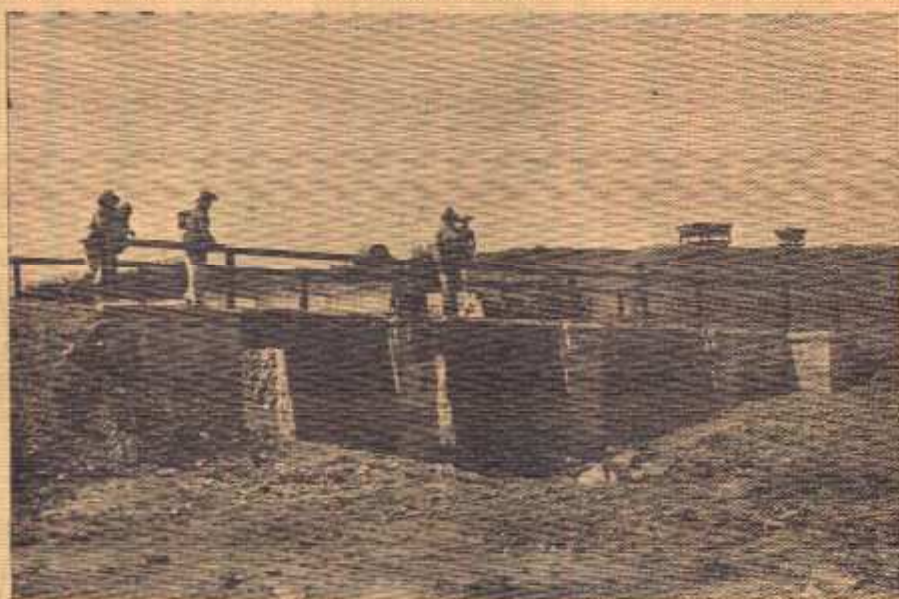
Assegura-se que o azeite, que se obtem do eucalypto, é muito bom para curar a escarlatina.

Perfeição . . . Perfeição . . . Ancia incontida das almas boas, embriagadas pelo mysterio do Além. Anceio vibrante do espirito magnetizado pela clarescencia deslumbrante do Incondicionado. Santo dos Santos, mil vezes sagrado interdito aos profanos acorrentados do Mal. Vêo de Isis da Felicidade levantado apenas para os anachoretas do deserto, para os esquecidos de si mesmo, para os martyrizadores da carne, para os amigos dos humildes e para os pegureiros do Bem.

Perfeição . . . Perfeição . . . Como eu te desejo, como eu te procuro, como eu te busco, para abrites o sol da minha existencia, para ac-

Perfeição . . . Perfeição . . . Pedra angular da Felicidade individual e collectiva. *Fiat* fecundo de todas as alegrias e de todos os prazeres. Como és productora, como és mãe . . . Em ti é que está a fonte da organização social futura, porque és a base da Felicidade e a Felicidade é, segundo disseram os que passaram a vida te procurando, o fim de toda a organização social. Tu és o thesouro dos humildes, porque és o evangelho da vida humana. Tu és o fim do homem, porque és o final de seu evoluer. Tu és a eterna aspiração, porque és o eterno irrealizavel . . .

Perfeição . . . Perfeição . . . Quanto mais



Pontilhão de 7,50 de vão, construido sobre o sangradouro provisório do «aqueducto publico» de Soledade.

cenderes o pharól da minha vida, para acalmares o mar borrascoso das minhas paixões . . .

Porém tu és como o sol. Deslumbras, vivificas e fecundas, mas és intangivel. Tu és como a perola preciosa tirada em meio do oceano profundo. Quem o mergulhador ousado que se atreverá a resgatal-a das profundezas marinhas? Tu és a torre de Hero do Ideal para cuja conquista se batem os cavalleiros andantes das cruzadas do Bem e do Bello . . .

Perfeição . . . Perfeição . . . Desespero dos artistas que te procuram, que te querem atingir através de seus temperamentos requintados. Ancia do escultor, que te quer atingir através do buril, cantando os hymnos plasticos da Forma. Tantalismo do pintor, que a ti quer chegar pela escada deslumbrante das sete cores. Nevrose do musicista, que te quer nas harmonias da Natureza e nas melodias de sua musa através o canto polyphono das figuras e das sete notas. Metha, soberba, pólo magnetico da arte da palavra em todas as suas manifestações . . .

longe te sinto, mais encarecidamente te desejo. Quanto mais distanciada descortino a tua visão mais se me engrandece o meu sonho. Quanto mais intangivel te tornas mais violentamente te quero. Quanto mais «spiritual» me appareces mais se idealizam meus tentamens. Quanto mais te somes no horizonte do Ideal mais nervosamente por ti vibro. Porque bem sei a impossibilidade da satisfação dos meus desejos. Porque bem sei que tua pureza não se amolda com o mal inherente do meu ser. Porque bem sei que és impolluta e jamais coexistiria com os males da vida. E comtudo ainda te quero, te aspiro e te desejo porque um dia pairarás sobre mim, quando com o meu ser liberto de todas as imperfeições terrenas, com o meu espirito purificado de todos os seus crimes, eu tiver conquistado o *Nirvana*, mergulhado o *Nihil* e dormit e repousa: no seio infinito da Divindade!.

SEVERINO PEREIRA LYRA

Leiam o «Boletim Informativo da Paralyza do Norte»

VIDA DE IMPRENSA

(REMINISCENCIAS)

Para Carlos D. Fernandes

I

E' do officio: todo homem que ha vivido certa phase da existencia na imprensa cogita de escrever o que se poderia chamar, em linguagem ordinaria, as suas memorias.

Já eu vou no declinio da vida, e já é tempo de registrar os episodios dessa complexa e sempre grata vida de imprensa.

Poderia eu começar de qualquer ponto da jornada; mas prefiro a ordem chronologica. Assim, começarei dizendo como foi o meu apparecimento.

Houve, nesta boa e pacata Parahyba, um periodico intitulado «O Sorriso» — hebdomadario em que se esgrimiam Maximiano de Figueiredo, Ignacio Arauz, Julio Villela, Eduardo Marcos de Araújo, todos estes mortos, e mais o auctor destas linhas, Elysea Cesar e poucos sobreviventes.

Era um gosto aquella vespera do saber da folha: todos a postos—uns fazendo servico-baixo de aprendiz iniciante, outros dobrando a folha, outros sahindo pela madrugada a distribuir «O Sorriso» por debaixo das portas dos respectivos assignantes.

... Havia pouco dinheiro; mas sempre se arranjava o necessario, porque, si não havia os cobres em casa, a gente recorria aos patronos, aos protectores da folha.

Foi ahí, nesse tempo, que principiei, furtiva e cuidadosamente, a escrever as minhas primeiras linhas: eram noticias vagas e indecisas, todas com impropriedade nos adjectivos e mais com uns golpes de lesa-concordancia... Mas afinal, a noticia sahia: era esse o meu ideal! E no dia seguinte, muito cedo, eu esperava «O Sorriso» por debaixo da porta—«O Sorriso» cheio de bellas cousas entre as quas eu procurava, soffrego, a minha miseravel e mendiga noticia de três linhas simples: estava satisfeito—com a alma cheia!

O *Sorriso* mudou de titulo: pas-ou a chamar-se *Arauto Parahybano*. Foi quando appareceram os pontifices.

Então, como era e é natural, os pequenos pluminhos se retrahiram um pouco...

Era nossa especie de gerente, ou mesmo director, esse bom velho João Baptista Lins, hoje politico e proprietario domiciliado em Itabayana.

Começava uma phase nova: o *Arauto Parahybano* já não era o jornal das creanças: de-nam-the vida e vigor as pennas robustas de Antonio Bernardino dos Santos, de E. Marcos, de E. Toscano e outros: nós, os pequenos, nos encostavamos. Quem mais alçava o millo eram o Arauz e o Villela—dois

predestinados do talento,—o primeiro em critica politica-social e o segundo na excellencia da orientação litteraria, no rigor da critica inconspicua e severa.

... Já existia o *Arauto Parahybano*, quando nós nascemos, os incipientes, ficamos sem campo. E cada um metemos as armas, isto é—ficava á espera.

Nunca mais nos atrevemos a publicar artigos semos como habilitados agós o certo triumpho dos nossos.

Minha qual é o minimo da mocidade... mas realidades.

... Ainda fomos uma lista: de 1 a 12 de maio de 1888 celebrando o grandioso facto da abolição. Perambulamos, em searche das flanelas de rua da capital, com um successo que teria sido enorme si mais exultares (permissões e compensações) não fossem as demonstrações da regalia popular.

... Minha me lembra—lembrava-me com o si fazer hoje—que nos foi, o velho Joaquim Silva, e Hilário e Carlos, promettendo, no trajeto dessa jornada dos factos, que um dia hoje

produziriam grande effeito si hoavessem sido apanhados no momento.

... E o *Arauto Parahybano* morreu! Por que morreu?

Porque os elementos preponderantes na orientação resolveram fundar outro jornal—*a Gazeta da Parahyba*, obediente á chefia de Eugenio Toscano, Cordeiro Junior, A. Bernardino, Rodolpho Galvão, Arthur Achilles, Diogo Sobrinho, todos mortos já, e Cicero Moura, ainda vivo, para a felicidade de sua familia e gaudio de sua grande roda de amigos.

Fundada a *Gazeta da Parahyba*, os novos seriam alli aceitos... mas a timidez dos poucos annos afastava naturalmente a audacia dos principiantes. E esse retrahimento se tornou mais intenso ao vermos entrarem para a redacção o Castro Pinto, o Antonio Camillo, o Cordeiro Senior e muitos outros.

Estavamos farrados: a mocidade parahybana tinha de appellar para outras valvulas.

Fundou-se um outro jornalzinho—estudantino—*O Estimulo*, de que faziam parte varios moços, entre os quas bem me lembro de Octacilio de Albuquerque e do actual padre João Cruz, espiritos farrados de elementos litterarios que muito brilho davam ao periodico... Mas o *Estimulo* também pereceu... por falta de estímulo.

... Depois fechou-se o campo da imprensa para a mocidade: nós liamos o que os outros escreviam.

ABEL DA SILVA

NOTAS SOCIAES

Escrever para o *diário* não é coisa facil. Essas realidades, mas qual mais que ornamentem o mundo, a distincção, exigem materia especial de *littera*, uma lingua exornada, de molde que se não despenda na realidade, que se não esvazie no mundo das tribunas.

E... sem mais delongas, vai aberta a veia.

A quarta-feira de outra occasião, registra o concerto da *univerza* d' Anta Elzebio Continho com o de *Antonio Bredas*, uma recepção na residencia do major Gregorio de Oliveira, outra offrenda pela distancia e respeitavel casal Herminio e Maria da Costa, commemorando o anniversario de seu casamento.

Ficam letas de caracter unico familiar, porém diferentes pela individualidade nelleas noticas.

MINHA LINGUA

25 DE SETEMBRO

O meu abito para o occidente,
Ouro, Esmaltes, no-linha a lina,
Desserto, Sarcas, seridões,
Aos estudos sempre deita o tempo.

Somente e Sordas, id-eos embora
Porque a mão degera dissonante,
Fracção da mata viridante
Ranço gálgico, porque agora,

Sol que banhaes de luz os Oceanos
Descei vossa caudal de alegrias
Sobre a vital morada dos humanos;

Jasmins e cravos, perfumae, ufanos,
Enfim, haja sorrisos, harmonias
Hoje, por que Nineta Lins faz annos!

Consiste cousa original muito pittoresca de nossa terra as domingueiras concorrencias ao nosso primeiro logradouro publico. O velho jardim da praça Comendador Felizardo tem um passado glorioso, mas a sua tradição vai se desfazendo aos poucos pelo excesso de frequentadores. Aquella apreciavel linha de distincção e elegancia que se revelava ao primeiro olhar investigador, cedeu lugar a uma promiscuidade revoltante, producto do desenvolvimento de fogos nesta Felippéa. E' palpitante a necessidade de um logradouro mais proporcionado, mais amplo, onde se passeie e se apparese sem atropellos nem encontrões!

Da carteira de um pai

O noivo desempregado
Que passa todo momento
A' noiva sempre agarrado,
Não é noivo...
E' um tormento!

Tinhamos entregado estas linhas á compo-

sição, quando nos chegou ás mãos uma carta tratando do comprimento das saias; no proximo numero a publicaremos com o indispensavel commentario.

DUPLO ZERO

NASCIMENTOS:—Recebemos do dr. Pedro Ferreira da Costa e exma esposa d. Anna Monteiro da Costa um cartão participando-nos o nascimento de sua filha Nina, occorrido a 12 do mez passado nesta cidade.

Em Bananeiras nasceu no dia três do mez transacto o menino Adelson, filho promogenito do sr. Benjamin Gomes Meira e de sua digna esposa d. Aline E. Meira.

ANNIVERSARIOS:—Definiu a 17 de setembro ultimo a data anniversaria do sr. dr. Ascendino Cunha, deputado federal por este Estado e figura das mais representativas do partido epitacista.

Ao illustre congressista conterraneo apresentamos sinceras e cordias felicitacoes pelo transcurso de sua ephemeride natalicia.

A 15 do mez transacto occorreu o anniversario natalicio do 2º tenente Octavio Massã, addido ao 22º B. d. C., aqui aquartelado.

HOJE:—A exma. senhora d. Celina Silva, consorte do cel. Tito H. da Silva, abastado industrial nesta cidade, presentemente em villegiatura na metropole do paiz.

DIA 3:—O pequeno Dédrano, filho do sr. Andrade Lima, corrector geral desta praça.

DIA 4:—Anniversaria nessa data *mm*e Rosina Meira de Menezes, esposa do bacharelado Meira de Menezes, nçso digno confrade d'O Norte.

DIA 5:—Regista-se a cinco do corrente a ephemeride natalicia da exma. sra. d. Cacilda Pinto Fernandes consorte do cel. Benjamin Fernandes, do alto commercio parahybano.

Em vista do grande numero de sympathias que destructa no meio da nossa melhor sociedade, *mm*e. Cacilda P. Fernandes será muitissimo felicitada pelo transcurso de seu natalicio.

A virtuosa anniversariante *Era Nova* apresenta attentos saudações.

Mlle. Maria da Piedade Nobrega, filha dilecta do dr. Francisco Gouvêa Nobrega, juiz substituto neste Estado.

A gentil nataliciante receberá, certamente, pela passagem daquella auspiciosa data, as mais carinhosas felicitacoes de suas dignas amiguinhas da *elite* parahybana.

DIA 6:—A exma. sra. d. Maria do Rosario Hardman C. Bran o, esposa do dr. Agrippino Castello Branco, secretario da Junta Commercial desta cidade.

DIA 7:—Transcorre nesse dia o anniversario natalicio do joven escriptor conterraneo Ademar Vidal, collaborador desta revista e redactor d'A *União*, onde ha alguns annos vem prestando o seu concurso intellectual.

Cumprimentamos ao no so distincto collaborador, apresentando-lhe cordias saudações.

DIA 10:—*Mme.* Maria Amelia Vinagre de Almeida, esposa do dr. Democrito de Almeida, illustre chefe de Policia deste Estado e figura de relevo em nosso meio social.

DIA 11:—Major Andrade Lima, corrector geral desta praça e cavalheiro dos mais bemquistos e estimados na sociedade patricia.

DIA 14:—Dr. Idalino Montezuma, promotor publico da comarca de Misericordia.

Passa na mesma data o dia natalicio do dr.

Orris Soares, ex-secretario de Estado do governo passado e escriptor theatral parahybano.

Mons. João Milanez, director da Escola Normal e sacerdote dos mais dignos do clero de nossa terra.

S. s., como director daquelle importante estabelecimento de ensino, vem prestando grande somma de servicos á instrucção desta capital, concorrendo des'arte para o desenvolvimento intellectual da Parahyba.

Saudamos ao digno nataliciante.

DIA 25:—A gentil *mle.* Maria Cecilia de Oliveira, filha do major Clementino Augusto de Oliveira, de saudosa memoria e digna irmã do nosso distincto amigo cel. Reynaldo de Oliveira, chefe da firma commercial desta praça Reynaldo de Oliveira & Cº

DIA 30:—O joven Luiz de Oliveira, applicado alumno do Collegio Pio X e filho do sr. Clementino de Oliveira, nosso digno amigo e escripturario da Inspectoria Agricola deste Estado.

CASAMENTOS:—Effectuou-se no dia sete de setembro passado, em Araruna, o enlace matrimonial do dr. José Guilherme S. Caldas, juiz municipal daquelle localidade, com a preçada *mle.* Joanna Freire de Amorim Caldas, filha do cel. João Freire, adeantado agricultor em Bananeiras.

Felicitamos aos recém-casados, augurando-lhes muitas felicidades.

No engenho «Vundinha», do municipio de Itambé, Pernambuco, realizou-se no dia 22 de setembro o enlace matrimonial do nosso assigante Fraz Felizola Netto, commerciante em Pedras de Fôgo, com a preçada senhorita Noemíia da Cruz Gouveia, filha do cel. João da Cruz Gouveia.

Os jovens desposados foram, por este motivo, muito felicitados, testemunhando assim o quanto são estimados na sociedade itambêense.

Acabam de contractar-se em casamento, em Cajazeiras, a gentil *mle.* Cecy de Mattos Rolim, dilecta filha do cel. Joaquim de Mattos Rolim, influencia politica e fazendeiro naquelle municipio, e o dr. Adriano Brocas, engenheiro da Obras Contra as Sêccas, no interior do Estado.

VIAJANTES:—Em visita á sua digna familia, esteve ligeiramente nesta capital o bacharelado Arthur Maranhão, nosso talentoso confrade d'A *Provincia* do Recife, e tenente do Gymnasio Oswaldo Cruz daquelle metropole.

Ao distincto moço endereçamos as nossas felicitacoes e cumprimentos affectuosos, desejando que houvesse feito optima viagem ao Recife.

Deverá embarcar por estes dias com destino a Porto Velho, Amazonas, o nosso prezado collega d'A *União*, José Maria de Souza Cruz.

S. s. vem de ser nomeado para occupar o cargo de official aduaneiro na referida unidade da Federação por acto recente do ministro da Fazenda.

Felicitamos ao distincto moço pela nomeação com que foi distinguido, augurando-lhe optima viagem e o melhor exito nas suas novas funcções publicas.

Acha-se a passeio nesta capital a preçada senhorita Palmyra Souto, da melhor sociedade recifense e cunhada do cel. Reynaldo de Oliveira, em cuja residencia está hospedada.

Mlle. Palmyra Souto, com quanto se encontra ha poucos dias nesta cidade já destructa de innumeradas relações de amizade em o nosso meio social.

Saudamos á gentil viajante, desejando-lhe feliz permanencia nesta capital.

VARIAS:—Numa das dependencias do pa-

lacete da Associação Commercial, á rua Maciel Pinheiro, vem de instalar a sua banca de advogado o nosso prezado amigo dr. Antonio Botto, lente do Lyceu e collaborador desta revista.

Pela passagem a 25 de setembro p. findo de seu natalicio, recebeu *mle.* Ninfia Lins, dilecta filha do cel. Gentil Lins, as mais carinhosas provas de sympathias da sociedade parahybana, onde destructa sinceras amizades.

Já está funcionando ha algum tempo á rua Maciel Pinheiro, a *Escola Remington*, dirigida pela professora sra. d. Rosina de Almeida.

OS MORTOS

Cel. Benedicto Queiroga

Encontra-se enlutada uma das mais prestigiosas e conceituadas familias sertanejas parahybanas com o fallecimento do cel. Benedicto Queiroga, politico de tradição e com muitos servicos prestados á causa da actual situação politica de nossa terra no municipio de Pombal.

Além de politico acatado, o extinto era adeantado fazendeiro na alludida localidade, onde destructava innumeradas relações de amizade a que faziam jus o seu caracter recto e excellentes qualidades de cidadão digno.

O seu fallecimento occorreu na semana transacta em Pombal, ferindo esse atroz des-enlace, embora ha algum tempo esperado, tanto o nosso meio social como a sociedade pombalense.

Era Nova ap esenta suas sentidas condolencias á familia Queiroga, com especialidade ao illustre filho do morto, dr. José Queiroga, chefe politico de Pombal e deputado á Assembleia Legislativa do Estado.

Repercutiu mui sentidamente nesta capital a noticia do fallecimento, occorrido no dia quinze do mez p. findo, no municipio de Santa Luzia do Sabugy, do cel. Joaquim Estanislão de Medeiros, grande fazendeiro naquelle localidade sertaneja e politico. Jos mais influentes e acatados.

Victimou o pranteado sertanejo uma serie de complicações em todo o seu organismo, de ha muito abalado por muitas molestias, não obtendo resultados satisfactorios os recursos medicos empregados.

Contava o respeitavel morto 75 annos de idade, deixando diversos filhos, todos maiores.

Apresentamos sentidos pesames á inconsolavel familia do extinto, especialmente ao seu digno filho dr. João Mauricio de Medeiros, director do Serviço do Algodão Estadual.

No dia 10 de setembro transacto, succumbiu em Guarabira, após longos padecimentos, motivados por uma infecção intestinal e accesso de gripe, o cirurgião-dentista Durval de Almeida, moço possuidor de excellentes dons espirituales e moraes.

O trespassse de Durval de Almeida constringon profundamente a sociedade guarabirense, onde era o mesmo muito relacionado e bem-quistado.

Sentimentamos ao sr. cel. João Barbosa de Almeida, genitor do fallecido, estendendo as nossas condolencias á sus enlutada familia.

VAGO

IONA & C.^a

EXPORTADORES

Compram pel'es e couros, de toda especie, sementes de algodão e mamona, pennas de ema, etc.

Mantêm grande deposito de linha da casa na ca "ESTRELA"

Têm casas com o mesmo ramo de commercio EM MACEIÓ, PEDRA, CEARÁ E AGENCIAS EM BAHIA, RECIFE E NITERÓI.

Endereço Telegraphico: — **DELMIRO**

ESCRITORIO E ARMAZEM:

Praça São Pedro Gonçalves, ns. 75 e 95.

CAIXA POSTAL N. 7.

PARAHYBA DO NORTE

Benjamin Fernandes & C.

Armazem de Estivas, Louças, Vidros e Exportação de assucar.

Deposito permanente de Farinha de trigo, Arame tarpado, Cimento, Pinho Paraná, Kerozene, Sabão, Sabonetes, Oleos lubrificantes, Grezas para Automoveis, e etc. etc.

CODIGO — **RIBEIRO**

Caixa Postal — N. 3

ENDEREÇO TELEGRAPHICO — **FERNANDES**

Praça Alvaro Machado, 16
PARAHYBA DO NORTE

BAZAR PARAHYBANO

GUARABIRA

FILIAL EM PARAHYBA

222, Rua Maciel Pinheiro, 222

Completo sortimento
de **LOUÇAS E VIDROS**

PREÇO RESUMIDO

Hermenegildo P. Cunha



CASA POPULAR
de L. DONIZETTI & Comp.

Completo sortimento em fazendas, miudezas, perfumarias, roupas, etc. - Especialidades em chapéus de palha, últimas novidades, gravatas, camisas, phan-tasias, cretones, morins e outros artigos para homens, senho-as e crianças. - Preços reduzidos.

Matriz: Rua Beaurepaire Rohan, 267.
Filiais: Rua da Republica ns. 654 e 456.

PARAHYBA DO NORTE

OURIVESARIA PINHEIRO

DE
JOSÉ PINHEIRO
DOURAÇÃO E PRATEAÇÃO

Monta e faz jóias de ouro e prata, faz e qual-quer gravura em ouro e prata, relevo, concerta-se relógios e jóias de toda a parte.

Vende-se metais (ouro e prata) e bijuterias como também jóias e pedras e em qualquer grau ou tamanho etc.

RUA DA REPUBLICA N. 192

TRABALHOS

ARTISTICOS

Belizio Ferrer

OURIVES

Rua Barão de Passagem, 578.

EXECUÇÃO

PERFEITA

VAGÔ

BRITO LYRA & C.

FAZENDAS

VENDAS EM GR. SSO

Rua Maciel Pinheiro



Parahyba do Norte

Reinaldo de Oliveira & C.

Grande estabelecimento de mi-
udezas e fazendas em grosso

RUA MACIEL PINHEIRO N. 172.

ESCOLA REMINGTON

— ROSTA DE ALMEIDA BRANDÃO

Ensino pratico e methodos de DACTYLOGRAPHIA e TACTYODRAPHIA, diurno e nocturno. — As aulas são frequentadas a todos os dias. — Horario: diurno de 8 ás 17; nocturno de 19 ás 21 horas.

As matriculas abrem-se desde Outubro — Instituto proximo a Rua Maciel Pinheiro, n. 156. — Parahyba

A ATTRACTIVA

CAMISAS para homens, CHAPÉOS para
senhores e crianças

RUA MACIEL PINHEIRO — PARAHYBA DO NORTE

GIOVANNI PONZI

VAGO

CIRAULO & C.^a

SECOS E MOLHADOS — Conservas nacionaes e estrangeiras, vinhos dos melhores fabricantes.

RUA MACIEL PINHEIRO

• • PARAHYBA DO NORTE • •

Ford

O AUTO UNIVERSAL

Motor 5 passageiros	5.500\$
Com. 4.ª classe	5.400\$
Motor, Fordian	8.000\$

Officina completa para concerto e estufa para pintar

Venda de peças legitimas FORD

Agencia Ford—MONTEATH & C.

Filial Parahyba — RUA MACIEL PINHEIRO



ANTONIO BOTTO

Advogado de civil, crime e commercio, accellado habilitado para a tele tele. Expediente das 10 ás 11 horas

ESCRITORIO NO PALACIO DA JUNTA COMMERCIAL — PARAHYBA

GUERRA & GUSMÃO

Fabrica S. FRANCISCO

COUROS, CARNEIRAS, PELLICAS E SOLAS.

Ladeira de S. Francisco 53

PARAHYBA

CASA KODAK

Artigos para Photographia,
Machinas. Cartões, Chapas, Drogas
e Papeis.

*A photographia está a mão de todos, até
creanças podem hoje, com
as machinas novas, tirar retratos, e ma-
nipular chapas e films.*

MACHINAS PARA FILMS DESDE 20\$000

*A coisa mais agradável para os parentes possuir
retratos de seus filhos desde primeira infancia.*

*A casa tem pessoal habilitado para revelar e tirar provas de todos os
Films e Chapas por preços modicos.*

CAIXA POSTAL - 19
RUA MACIEL PINHEIRO N. 29
PARAHYBA DO NORTE

VAGO

USAE OS ACREDITADOS SABONETES

MEDICINAES E PERFUMADOS DA

SABOARIA

PARAHYBANA

RUA VISCONDE DE INHAUMA N. 122

SEIXAS IRMÃOS & COMPANHIA

FABRICA DE CURTUMES "SÃO FRANCISCO"

DE GUERRA & GUSMÃO

Grande fabrica, a vapor, de vaquetas, courelhos, carneiras, pellica, sola e raspa laminadas, raspas preparadas e beneficiamento de couros em geral.

Fabricam, pelo processo chimico do CHROMO, vaquetas pretas e de cores, pellicas, etc.

Fabricantes das vaquetas verniz-chromo marca "RESISTENTE", Bufalo branco, carniças brancas, etc.

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NAS EXPOSIÇÕES INTERNACIONAES DE MILÃO E MUNICIPAL DESTA CIDADE.

FABRICA E ESCRITORIO:

LADEIRA DE SÃO FRANCISCO N. 53
PARAHYBA DO NORTE

CODIGOS:

RIBEIRO, BOR.

GES. A. B. C. 5.ª EDIÇÃO
E PARTICULARES.

ENDEREGOS:

TELEGRAPHICO—GUSMÃO

CAIXA POSTAL N. 40